

## PREÂMBULO

### SABEDORIA INTUITIVA

O povo, por um instinto premonitório, por uma presciência inata – adquiridos, quiçá, pela observação e experiência ao longo dos séculos – dispõe de uma sabedoria própria, reflexiva, expressa em axiomas, filosofias, intuições. Situações, fatos até graves são tratados com prudência, acuidade, diligência, ponderação.

O mensurar a história, seus protagonistas, enredos, por vezes, peculiares, excêntricos, sombrios, deles extraindo lições, depurando-os, esparzindo rasgos de luz. O evitar a afoiteza, a imprudência, a modicidade no falar, no agir. O mergulhar no desconhecido de si mesmo, a busca do autoconhecimento, da iluminação interna. O não julgar, não fazer cálculos errados sobre a conduta alheia, pois nossas aparências e juízos são como que fantasias carnavalescas, passíveis de serem despojadas a qualquer instante.

Ao se ver fatos assombrosos, pessoas em situações delicadas, há sempre a interna, percuciente pergunta: - o que terá provocado, gerado isso?! O que terá feito aquém, que pecados ou falhas cometidos, para se passar por isso?! A dor, enfim, é o alarme incessante, processante da humanidade. A vida entretecida, interligada por acontecimentos como um novelo sem pontas (ou quem sabe de infinitas pontas) cujos fios invisíveis, asfixiantes se enrodilham, se bifurcam compulsivamente, por vezes difíceis de desenrolar.

Somos ou trazemos conosco, em síntese, a expressão viva de um processo judicial: o réu, o promotor que acusa, o advogado que defende, o juiz que profere a sentença, o algoz ou carrasco que a executa. Tudo em nós! Posto que brincamos com as leis divinas – divertimo-nos, iludimo-nos, negligenciamos. Delitos, vícios, abusos não se apagam por prestidigitação, por passes de mágica, sequer teologismos. Noites passadas, com suas sombras e mistérios, escondem nossas ações, muitas delas escabrosas. Quantas delas posem imaculadas. Tudo o que ocorre são cifras indelévels, para o bem ou para o mal, os talentos aplicados ou enterrados, promovendo nossa iluminação ou queda. Dívidas, até o último ceitel, que serão pagas, ainda que sem prazos a serem cumpridas, pois o Credor é em tudo magnânimo. Haverá um momento de seriedade, de sopro da Justiça Maior, que é superior a tudo quanto conhecemos, por Sua Imutabilidade, Sua suprema Misericórdia. Bastam-nos a conversão (ou a acomodação), cujas ações e lições farão com que subamos a colina ou retrocedamos aos abismos.

### Topo... o quê?

Toponímia. O estudo linguístico e contextual sobre os nomes dados a diferentes territórios. Quais suas origens? Se relacionam a santos, ao Meio Ambiente, a uma personalidade local? Mais do que revelar parte da identidade comunitária, pesquisas nesse sentido revelam costumes maiores inscritos na História, com origens europeias, africanas, indígenas.

Pág. 04

### Os caminhões de leite

Não tão longe assim no tempo, caminhões de leite fizeram mais do que transportar o alimento entre a Zona Rural e o espaço urbano em São Tiago. É que, entre um trecho e outro, caronas providenciais, mercadorias com entrega urgente e mesmo animais dividiam espaço com as “velhas latas”, recipientes clássicos até os anos 1990 que, hoje, se tornaram lembrança simbólica da época.

Pág. 08

### Café, biscoito, tradição e economia

“A pouco menos de 200 km de Belo Horizonte (MG), fica a pequena cidade de São Tiago, no Sul de Minas. Antes que fosse preciso alardear muito, toda a região já conhecia o município como a Terra do Café com Biscoito. A tradição na produção dos quitutes é conservada por mais de 150 anos. Mas o que a difere de tantas outras cidades que conservam sua história é que os moradores de São Tiago a transformaram em fonte de renda. Ao menos um terço dos 10,5 mil moradores da cidade (segundo senso IBGE de 2010) ajudam a produzir 6 mil toneladas dos quitutes para vender a toda a região e em ao menos outros quatro estados. O grande feito garante ao município no mínimo um roteiro diferente da maioria das pequenas cidades do interior de Minas Gerais: a oportunidade de sucesso profissional sem precisar sair de casa”.

Pág. 14



# ADIVINHAS

- 1- O que é que o cirurgião e o matemático têm em comum?
- 2- O que é que de dia fica no céu e de noite fica na água?
- 3- O que é o que é: põe o mundo a dançar, tem notas e não é dinheiro?

Respostas: 1 - Ambos vivem fazendo operações; 2 - A dentadura; 3 - música

## Provérbios e Adágios

- Os sapos apaixonam-se pelas estrelas
- Entre bandidos não há honra
- Cascavel escondido debaixo da cama (o inimigo está próximo de você)
- Muita Parreira, pouca uva
- Coração do outro é terra aonde ninguém vai



### Para refletir

- “Somos feitos da mesma matéria dos sonhos” (Shakespeare)
- “Um barco atracado no porto está seguro, mas não é para isso que os barcos foram construídos” (Willieam Shedd)
- “Ao fracassar em se planejar, você se planeja para o fracasso” (Benjamim Franklin)
- “Nada nos leva tanto ao fracasso do que o sucesso” (Arnold Toynbee)
- “O futuro chega com tal rapidez que começa a desconfiar que agora já está atrás de mim” (Mollor Fernandes)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### O CARONEIRO DE FINAL DE SEMANA

Funcionário de instituição financeira, fora nomeado gerente da agência bancária na pequena cidade. Residente na capital mineira, família constituída, optou por deslocar-se toda segunda feira, pela madrugada, em direção ao trabalho no interior, só retornando, ao lar, às sextas-feiras ao entardecer. Cerca de 200 km de distância, em maior parte asfalto, e um bom – aliás péssimo – trecho de terra, entre a cidade de trabalho e a rodovia federal.

Ei-lo procurado, tão logo assumira a agência, pelo médico local – não para movimentar conta corrente, mas interessado em uma carona. O médico de nome Tito, vamos assim batizá-lo, homem já maduro, ai pelos seus 50 anos, afirmava também residir em Belo Horizonte, atuando durante os dias úteis na cidade, retornando igualmente aos finais de semana à Capital, onde, segundo ele, realizava plantões em hospitais metropolitanos. – A gente tem que pular igual sapo, buscava se explicar. Crise brava, feia...

A partir dali, a cada sexta-feira, o gerente contaria com um fiel companheiro de viagem. O médico, por sinal, era conhecido na pequena cidade por ser folgazão: passava invariavelmente por firmas e residências, a cada santa manhã, onde tomava cafés e lanches, almoçava (aliás se convidava para almoçar) em muitas das casas, quando não o fazia no próprio hospital. Não se apertava, não desembolsava um único níquel para despesas de sobrevivência. Vestia-se, por outro lado, à franciscana – roupas muito simples, puídas, guarda roupa repetido, geralmente trajado com surrado jaleco, tênis arregaçados, em pandarecos.

Algo passou a intrigar o gerente. O companheiro de viagem nunca se oferecia para pagar o lanche, sequer um cafezinho, quando davam uma parada, em alguma lanchonete, ao longo do trajeto que, naqueles tempos, se estendia por cerca de quatro horas. Ajuda na gasolina, fora de cogitação. Na verdade, a viagem era um chororô, um rosário de lágrimas, o caroneiro desafiando dificuldades materiais de toda ordem, compromissos financeiros pesados. Sobre sua família pouco, nada dizia – se tinha esposa, filhos...

Outro fato era igualmente incompreensível para o gerente. A cada semana, a cada chegada à Capital, o caroneiro pedia para parar, “descer”, em um local ou quarteirão diferentes ao longo da Av. Amazonas. Uma semana, descia na altura da Av. Contorno, às vezes próximo à Praça Sete, mesmo na região da Barroca, imprevisíveis e inúmeros eram seus pontos de desembarque. O gerente, um dia, resolve averiguar, tentar entender ou mesmo pôr um fim naquele mistério. Tão logo o caroneiro desceu, dessa vez nas proximidades do Colégio Santo Agostinho, ele estacionou o veículo e pôs-se a seguir o médico à distância. Após três ou quatro quarteirões, observou o médico adentrando aprazível edifício na Av. Augusto de Lima, região do Barro Preto, embrenhando-se por uma porta ao fundo com acesso a elevador privativo. Deu um prazo. Edificação com seus sete, oito andares, misto de comercial e residencial, hall aconchegante, elevadores, diversas lojas no andar térreo, local comprovadamente movimentado, extremamente valorizado. Aproxima-se do balcão e se informa junto a um funcionário impecavelmente uniformizado:

- Por favor, uma informação. Estou à procura do Dr. Tito, um grande conhecido. Disseram-se ser possível encontrá-lo por aqui... O sr. o conhece?!

O porteiro sorri largamente e esclarece:

- O sr. bateu no lugar certo. Conheço, sim e muito o Dr. Tito. Ele é morador na cobertura. Aliás, ele é o dono do edifício...



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



# A COPAIBA

*“Não profanareis a terra onde habitais” (Nm 35:33)*

Uma copaíba centenária, cujo porte vetusto, tronco gigantesco, talhe encorpado, galhadas soberbas atraíam a admiração geral e sua colossal figura, cerca de 35 metros de altura, do alto da colina, ganhava os ares, dominava distâncias. Dizia-se ser aquela protuberante árvore do tempo dos índios e ali permanecera, como um tuxaua altivo, indomável, embora todos os demais sagrados filhos da terra estivessem, de há muito, mortos pelos colonizadores.

Respeitada por todos os proprietários, colonos, viajantes ao longo dos séculos, que ali se abrigavam, a vasta copa acolhia, indistintamente, animais silvestres de qualquer porte e sob cuja fronde descansavam os rebanhos da propriedade ou boiadas em trânsito, ali fluindo pequena fonte. Reverenciada ainda por suas propriedades medicinais, o forte tom avermelhado das cascas de onde moradores retiravam resina para utilização em remédios e até mesmo tingimentos caseiros de tecidos, cabelos. O óleo, extraído do tronco, de largo uso na farmacopeia popular, com suas propriedades anti-inflamatórias, antissépticas, cicatrizantes, expectorantes, anti-hemorragias, um santo remédio e elixir no meio interiorano, no combate a ferimentos, infecções de garganta, tumores, gota, psoríase, picadas de insetos, dermatites, urticárias, ativação da circulação sanguínea, reumatismos, tendinites, onde parca era a presença da medicina oficial. Um símbolo de força, resistência, utilidade, pujante monumento, laboratório vivo ali a merecer a estima e o respeito de todos.

Os seus frutos, nas cores preta ovais, espalhavam-se por todo o entorno, adornando a pastagem. Por serem hidratantes, utilizados hoje pela indústria cosmética na fabricação de xampus, cremes, tinturas, além de componentes de perfumes, sabonetes, aditivo alimentar e energético. Na odontologia, entra na formulação de cimento para obtenção.

A vetusta árvore não se achava, contudo, só. Uma considerável variedade de outros espécimes ali, ao seu redor, prestavam-lhe reverência. Ipês, maçaranubas, cedros, sucupiras de grande porte distendiam seus troncos e frondes por toda a colina. Um oásis verde, vibrante a se estender por uns dois ou três alqueires. Não sabiam, todavia, o que as esperavam, a que carnificina seriam submetidas. A propriedade, de certa forma, ao longo das gerações, pertencera a um único tronco familiar, dos mais tradicionais clãs rurais da região, os M.A. Eis, que aquela gleba, partilhada após a morte do último chefe, é vendida para estranhos. E justamente para quem?! Um iconoclasta, um bárbaro, ...

O cidadão, ainda jovem, enriquecido sabe-se lá como (vendedor de bugigangas e quinquilharias durante a semana), adquire as terras e de imediato, de poss e de maquinários possantes, clandestinamente, sem qualquer estudo técnico ou licença ambiental, põe abaixo toda a mataria. Árvores de lei são simplesmente lançadas ao chão, da forma mais impiedosa. Serradas as toras, levadas madrugada adentro para serrarias em outras localidades. Ficara, contudo, a copaíba. O maquinista recusara-se, terminantemente, a derrubá-la. Mesmo acostumado a destruir impiedosamente, sendo um mercenário, diante daquele monumento, silencia os motores. Respeita o tóten secular. É interpelado pelo monstruoso novo proprietário que diz necessitar de toda a área liberada para plantio de sementes de pastagem. O maquinista reafirma que aquela ele não derrubaria. O proprietário sacripanta toma-lhe as chaves, aciona o moderno e possante trator e, após, várias investidas, joga, sacrilegamente, por terra a monumental copaíba.

Denunciado, multado o vândalo, segundo se diz, em cerca de trinta mil reais à época, acaba ele, após recursos administrativos, com a ajuda de sabeijos do mesmo nível e da mesma laia, pagando migalhas, quando deveria pegar uns bons anos de xilindró. Um crime de lesa humanidade. Perguntas, indignações não faltam: Este jovem cidadão, dono de prédios, veículos, fazendas retirou de onde, em questão de meses, o seu patrimônio? Que burras são essas, que tesouros de Ali-Babá são esses que atraem caçadores numa segunda ou terça-feira, levando bugigangas, segundo dizem e já na quinta retornam cheias, esbanjando riquezas, comprando tudo e todos?! Não terá ele frequentado nenhuma escola, não terá recebido nenhuma orientação dos pais, não lerá, acaso, jornais ou assistirá noticiários para saber da importância de uma reserva florestal quer para si, quer para toda a sociedade? Que, sem árvores, o ser humano não subsiste? Que derrubada ilegal de matas, a aniquilação do patrimônio florestal é CRIME?!

O poder público é impotente, quando não conivente ante a arrogân-



cia, a frivolidade, a ardisidade de nossos ricos... Como num estalar de dedos, pelas caladas da noite, pessoas desprovidas de qualquer civilidade, de um mínimo de respeito à vida, à natureza, à história, ao meio ambiente, se fazem milionárias?! E se dão à insana tarefa de destruir o meio ambiente, dilapidar a memória local? Passamos a viver num meio anárquico, permissivo, onde pode-se tudo, negocia-se tudo, até leis! Casas com séculos de história lançadas ao chão; árvores venerandas e matas dilaceradas; nenhum aporte às iniciativas culturais, artísticas, científicas por parte dos novos barões... Consciências, corpos, valores, florestas, honras tudo é negociado!

Até quando?

Há um tropo conhecido como “vingança de Gaia” – a natureza que se revolta, se volta contra os homens pelos seus abusos, suas afrontas à mãe Terra. No filme “12 macacos” um tipo de praga mata todos os homens; no game “Final fantasy VII” um exército de criaturas descomunais – os weapons – surgem para defender o planeta; em “Senhor dos Anéis” aparecem os “ents” (árvores sentientes) que destroem os exércitos de Saruman, quando o mago ameaça destruir sua floresta. Há ainda casos, como na animação “Castelo no céu” em que a natureza reclama a terra.

A reação da natureza faz-se presente quando a humanidade não consegue conviver e se perceber parte integrante dela (natureza) ou quando emprega poder e violência para exploração dos recursos julgando-os infinitos. Não é, por menos, que os castigos mais terríveis são aplicados nas regiões infernais aos que violaram a natureza, conforme Dante relata em “Divina Comédia” E surgem, inesperadamente, pandemias...

Conversava-se, em uma roda, sobre preservação ambiental, o impacto das queimadas, desmatamentos e tantos outros flagelos que assolam a natureza em nosso País. Um cidadão ali presente, residente há pouco tempo na pequena cidade – segundo se dizia oriundo do norte do País – de passado desconhecido, pediu-nos que ouvíssemos sua história.

- Fui, durante anos, piloto de voos clandestinos na Amazônia. Era então jovem. Não tinha preocupações éticas ou ambientais. Só queria ganhar dinheiro. Éramos contratados por garimpeiros, grileiros, fazendeiros, de conluio com autoridades, todos sócios na ignóbil empreitada, para lançar gasolina, diesel e outros produtos inflamantes, muitos deles altamente tóxicos, despejados às toneladas, sobre imensas áreas de florestas virgens. Obviamente que tais florestas não eram propriedades dos “patrões” que nos contratavam e sim reservas naturais de propriedade da Nação. Depois de besuntadas do alto, lançávamos fogo, provocando imensas queimadas e incêndios, onde árvores, animais, leitões d’água tudo posto a estorricar... Passada a queimada, iam por terra, com maquinários, apropriando-se daquelas áreas públicas, seja para extração de madeira, garimpagem, formação de pastagens, venda das áreas desmatadas... Um assalto à natureza e ao Erário!

Com voz embargada, comentou aquele entristecido senhor: - Não imaginam vocês, como me sinto hoje, já amadurecido e calejado na vida, ao saber dos prejuízos que causei ao meio ambiente, ao País e à humanidade. Só me resta penitenciar!”

# TOPONIMIA MINEIRA

## História, Colonização, Religião

O nome, para os antigos, em especial os povos semitas, tinha dois componentes: o noético (todo nome tem um valor, um sentido ou significado) e o dinâmico (todo nome inclui referência, virtude, manifestação histórica, social, jurídica ou seja o nome como indicativo de uma realidade vivencial) Comuns os nomes chamados teofóricos, com essência relacional a Deus ou a algo ou alguém sagrado, como, por exemplo, o hábito de se batizar as pessoas com nomes de santos. Assim as designações comuns de nomes de santos a localidades, territórios – a chamada hierotoponímia – levadas a efeito pelos conquistadores ibéricos, aqui expandindo sua religiosidade em ligação ideológica com a Igreja. Ao longo das planícies, florestas, caminhos de terra e de águas, os colonizadores – no nosso caso, portugueses - imprimiram nomes sagrados por todo lugar e a todo tempo. O nomeador é o protagonista dos procedimentos que envolvem as atividades humanas, as influências e condicionamentos do meio de atuação. É ele (nomeador) quem registra o momento histórico-psicológico vivido pela comunidade<sup>(1)</sup> “As populações que se deslocaram em massa para o Brasil, atraídas pela fascinação do ouro, foram oriundas, na maior parte, do norte de Portugal, jurisdição religiosa do arcebispado de Braga” (Augusto de Lima Junior – “A Capitania das Minas Gerais” BH Itatiaia/SP Edusp, 1978, p. 87).

O topônimo, ao individualizar o nome próprio do lugar, guarda íntima relação com a ambiência histórica, política, geográfica local (solo, clima, vegetação, rios, montanhas, paisagens etc.) Os topônimos de origem religiosa (denominação de santos) adquire, por sua vez, os aspectos psicológicos e históricos em comunhão com a geografia, a paisagem, o momento da nomeação. Segundo J. D. Gonzalez, da Universidade de Santiago de Compostela, o denominar-se lugares com nomes/designações de santos é costume que remonta ao século VI, quando igrejas e catedrais não tinham patronos, mas basílicas, oratórios, capelas passaram a ser erigidas em nome de um orago, que passava a ser símbolo daquela igreja, dando-lhe nome e culto, o que se estendia às terras e a toda freguesia ou território organizado(s) nos arredores do templo religioso. (“Alguns nomes de santos do latim ao galego português” – <http://gib.em-viana-castelo.pt/v doc.63-79, 2001>)<sup>(2)</sup>

No léxico toponímico de Minas Gerais, encontramos nomes de origem portuguesa, africana<sup>(3)</sup> e indígena<sup>(4)</sup>, designando acidentes físicos e humanos, dentre outros, ocorrendo, ademais, um grande número de hibridismos (português/africano, português/indígena) Seu estudo – embora o esvaziamento semântico em razão da passagem do tempo – é de grande importância para o conhecimento dos elementos históricos, culturais e humanos da comunidade linguística do Estado, envolvendo dados etimológicos, morfológicos, taxionômicos. Vasto é, ademais, o número de hagiotopônimos (denominações de santos), antrotopônimos (nomes de pessoas) São cidades, vilas, povoados, fazendas, córregos, rios, ribeirões, morros, serras dentre tantos acidentes geográficos, devidamente catalogados em cartas topográficas, segundo fontes (bancos de dados) do IBGE nos 853 municípios mineiros.

Os topônimos, ao distinguir/designar os acidentes geográficos, delimitando-os numa área de superfície terrestre, tornam-se importantes e específicos fatores de comunicação, verdadeiros “testemunhas históricos” e reminiscências de um passado dinâmico, transcendendo o momento de nomeação de vida da população. É ele (o topônimo) um instrumento de projeção espacial, espalhando-se muito além de seu foco original, dilatando fronteiras, atingindo sítios distantes. O processo de nomeação é ato designativo, envolvendo relações de ambiente, povo e cultura. Assim, os conquistadores portugueses impuseram uma identidade cultural, batizando a tudo que encontravam e se apossavam com nomes religiosos, a partir do pensamento cristão. A Igreja se tornaria a base



de todo o processo colonizador, sendo a primeira providência, em um lugar apossado, o erguimento de uma capela, ainda que a mais rudimentar possível<sup>(5)</sup>

“Mal começavam a prosperar, sem demora, surgia uma capelinha de taipa, em cujo altar se firmava a estátua que reproduzia o padroeiro da vila ou aldeia distante em Portugal. Reuniam-se vizinhos e iniciava-se o culto pelas grossas mãos postas dessa geração de heroicos fundadores de Minas, que se regaram de suor e de sangue... À beira dos grandes caminhos, nas proximidades dos locais onde se encontravam as minerações ou nas quintas dos grandes sesmeiros, por todo o território imenso dessas extensas Minas Gerais, ficaram os marcos do espírito cristão e católico plantados pelas gerações do século XVIII (Augusto de Lima Júnior, op. cit. p. 87)

Povoações recebiam, de pronto, nomes religiosos ou litúrgicos<sup>(6)</sup> formando-se um vasto número de patronímicos e gentílicos (onomástica hagiológica), onde os santos, como símbolos da Igreja e oragos de devoção, refletiam a religiosidade dos colonizadores, denominando as áreas e territórios de sua atuação. Maria Vicentina de Paula Dick em sua obra “A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira” (SP. Arquivo do Estado de São Paulo, 1990, p. 160) informa que o Estado de Minas Gerais é o que apresenta a maior densidade hagiotoponímica do País, tendo os santos uma presença quase total na vida dos moradores. Considerável número de cidades, rios, montanhas, fazendas recebiam a denominação de algum santo do calendário católico, os quais exerciam influência devocional direta no cotidiano provincial, invocados, a todo momento, para as mais diversas necessidades. Vasto é o número de localidades, freguesias, paróquias com o nome de Nossa Senhora<sup>(7)</sup>, em função, segundo historiadores, da ideologia e incentivo da Contra-Reforma<sup>(8)</sup> em exaltar o culto da Mãe do Senhor e ainda da datação de soberanos portugueses, a exemplo de D. João IV, que, em 1645, nomeou Nossa Senhora como padroeira dos reinos de Portugal e Algarves<sup>(9)</sup>

A tendência toponímica mineira é, por conseguinte, de atribuir aos acidentes geográficos e humanos designações de ordem religiosa, mormente as nomeações de vilas, cidades, povoações, fazendas como expressão do comportamento comunitário, a partir dos vínculos estreitos entre denominador (sesmeiros, religiosos etc.) e o móvel da denominação. A par de seu papel signico e imagético, o topônimo aflora/resgata memórias do povo, da cultura e da essência de toda uma época, até mesmo comportamentos (tidos como) extintos ou adormecidos. O estudo de um topônimo com suas orientações históricas, ambientais, etnolinguísticas, psicossociológicas, envolve dois pontos nucleares: a conquista/domínio do território e a conquista espiritual dos nativos – ocupação da terra e implantação de novo credo e nova cosmovisão religiosa, levados a efeito por um povo alógeno (português).

**NOTAS**

(1) *Terras, mares, naus eram aquinhoados com notáveis nomes santificados pela Igreja Católica, a exemplo do Brasil, apossado por Portugal, inicialmente chamado de Terra de Vera Cruz e ainda Terra de Santa Cruz. Até os indígenas, convertidos por missionários, recebiam nomes litúrgicos cristãos, bem como quaisquer vilas, acidentes geográficos, ermos por mais inóspitos.*

A nomeação de santos – algo comum na Antiguidade, passado de geração a geração e que se estendeu ao Brasil e a Minas Gerais – foi trazida pelos portugueses, no bojo das embarcações, aqui fortalecido no ímpeto do descobrimento e da conquista ultramarina. “A fé cristã e Igreja Católica apareceram na costa brasileira, ao raiar do século 16, pelas mãos do padroado português ultramarino. Os portugueses que descobriram as terras brasileiras e que nelas se estabeleceram, colonizando-as gradualmente, trouxeram também a sua fé cristã e transferiram para a Colônia, boa parte da organização eclesiástica que já tinham no Reino, bem como aplicaram com grande desenvoltura o regime do padroado régio que devia ser introduzido nas terras ultramarinas de Portugal. A Igreja que nasce no Brasil no século 16, torna-se, a certo modo, uma extensão daquela igreja católica que existia em Portugal com todas as suas características de expressar a fé cristã” (Alceu Kuhn – “As origens da Igreja no Brasil – 1500-1522” Bauru, Edusp, 2005, p. 25)

O costume de se conceder aos lugares um nome relativo aos santos sempre foi uma constante nos mais diversos períodos da história mineira, ocorrendo em todas as regiões, desde os primórdios do povoamento até os dias atuais – sem dúvida um excepcional patrimônio sócio-linguístico-cultural. As denominações (topônimos religiosos) prendiam-se exclusivamente à subjetividade individual do denominador, em geral um sesmeiro, um minerador, um religioso, um anacoreta – um processo introspectivo, refletindo o comportamento comunitário, compondo aspectos da psicologia social e da ciência onomástica.

(2) A palavra, o nome constroem conhecimento, cultura, uma realidade dotada de poder, identificando-nos dentro do grupo humano onde atuamos, como um ser social, político, ideológico. É mais do que uma forma de comunicação, é uma marca registrada indelével, perenizada, fixando nossa performance social e imemorial.

(3) Quanto aos topônimos de origem africana, há, segundo estudiosos, o predomínio da base banto, sendo a maior incidência relacionada às taxonomias de origem antropocultural, os chamados sociotopônimos (atividades sociais e profissionais humanas, locais de trabalho de uma comunidade)

(4) Os termos indígenas acham-se ligados principalmente ao tupi, onde a motivação toponímica recorrente acha-se relacionada ao ambiente e natureza física, os chamados fitotopônimos (plantas, vegetação etc.) Alguns fitotopônimos de origem indígena em nossa região (ver box)

(5) “A Igreja não era apenas lugar de oração, mas um objeto capaz de impor sua ordem a tudo o que estava em volta: uma aldeia, uma vila ou uma cidade” (Janice Theodoro da Silva – “Descobrimto e Colonização” SP. Ática, 1989, p. 10)

(6) Missionários e ordens religiosas – sejam como evangelizadores ou educadores – exerceriam fundamental importância na origem e difusão das devoções no território brasileiro. Em Minas Gerais sobressairam-se os padres carmelitas que participaram do povoamento do Estado como no primeiro núcleo povoado de Minas – a cidade de Mariana – edificada sob a proteção de Nossa Senhora do Carmo no final do século XVII/inícios do século XVIII. Destacar-se-iam os franciscanos e igualmente as irmandades religiosas como força auxiliar e sucedânea da Igreja e ainda na condição de promotoras de ofícios, celebrações no interior e exterior dos templos, por elas construídos e mantidos.

O culto aos santos foi adquirindo extensão territorial, na medida em que os portugueses se apossavam e povoavam as terras recém-descobertas;

para tanto, fincando cruzeiros, erguendo capelas onde abrigavam as variadas imagens de sua devoção, batizando as localidades em sua língua, de acordo com a sua cultura e fé cristã.

As chamadas “entradas” e posteriormente as “bandeiras” contribuiriam, de igual forma, para espalhar várias devoções de santos pelo interior do vasto País, mormente no período da mineração, onde sob as mais variadas invocações, numerosas capelas, ermidas e igrejas foram construídas, localizadas geralmente seguindo-se cursos de rios, morros, ao encalço de ouro, diamante e esmeraldas. Os bandeirantes criavam feitorias e pousos, onde se cultivavam roças (principalmente de milho e mandioca), criavam-se porcos e aves, sob a supervisão de um capitão e alguns soldados, para o sustento dos homens da bandeira.

(7) “Algumas invocações da Virgem Maria são mais comuns no nordeste e norte, outras no sul. Geralmente as mais antigas e as de origem portuguesa possuem mais devotos nas primeiras regiões colonizadas ou nas velhas cidades da região sudeste como Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, enquanto as mais modernas têm maior divulgação no sul do Brasil. As padroeiras dos pescadores e marinheiros encontram-se quase sempre na zona litorânea. Nossa Senhora da Guia, dos Mares, da Boa Viagem, dos Navegantes – enquanto a Senhora das Brotas, protetora dos agricultores e criadores de gado, é venerada no interior. Na Bahia, merecem menção especial aquelas que são sincretizadas como orixás afrobrasileiros: Conceição e Candeias. Em Goiás e no Triângulo Mineiro predominam a Virgem da Abadia, enquanto na zona de mineração as mais comuns são Assunção, Carmo, Bom Sucesso, Piedade, Rosário etc.” (Nilza Botelho Megale – “Invocação da Virgem Maria no Brasil” 6ª ed. Petrópolis/RJ, Vozes, 2001, pp. 20-21)

(8) A Contra-Reforma, movimento católico coordenado pelos jesuítas, em oposição ao Protestantismo, incrementou fortemente o culto e a devoção a Nossa Senhora, criando-se festas como a do Rosário, das Mercês, as coroações, a propagação da reza do terço e do rosário, espalhando-se por todo o Império Português, trazidas para o Brasil por marinheiros e colonizadores. Aqui o culto das invocações de padroeiras, com as mais diversas denominações de Nossa Senhora, se disseminaria do norte ao sul do imenso País. Além de Nossa Senhora da Esperança que veio com a nau de Pedro Álvares e de Nossa Senhora da Glória que consta ter chegado à Terra de Santa Cruz em 1503, muitas outras, ao longo dos séculos, passaram a ser invocadas, ornamentando os altares dos templos coloniais, como a do Ó, do Monte, da Graça, da Guia e às vezes, espontaneamente pelos fiéis, como Brotas, Boa Viagem, Boa Morte, Bom Parto, Bom Sucesso etc.

(9) A religiosidade de Cristo, embasada na devoção a Maria, aos santos e nas irmandades e associações religiosas, atuando no surgimento dos primeiros núcleos populacionais e no caminho dos bandeirantes, por meio de oragos, deixaria(m) marcas indelétríveis na toponímia mineira. “A toponímia na trilha das bandeiras documenta a presença desses religiosos: se o comando era de carmelitas, os núcleos habitacionais que surgiam perpetuavam a lembrança do orago de Nossa Senhora do Carmo; se o comando era de franciscanos, no de São Francisco e assim com outras ordens da mesma maneira os oragos marcam sua passagem. Lá onde o povoado é novo, o nome religioso o inaugura, se havia uma designação indígena o novo nome religioso a substitui” (Heitor Megale – “Bandeira e Bandeirantes” – “Filologia Bandeirante” Estudos I, SP. Humanitas, 2000, p. 22)

Alguns bandeirantes no território mineiro: Fernão Dias (1674) / Salvador Fernandes Furtado, taubateano, entre 1695 e 1696, estabeleceu-se na região do ribeirão do Carmo, após descobrir ricas jazidas de ouro / Antonio Dias de Oliveira e Pe. José de Faria Fialho que, em 1698, atingiram a região de Vila Rica (Ouro Preto), onde se estabeleceram, edificando as igrejas de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Bom Sucesso (transformada posteriormente em matriz de Nossa Senhora do Pilar)



## ALGUNS FITOTOPÔNIMOS DE ORIGEM INDIGENA EM NOSSA REGIÃO

- Ibitutinga (antiga estação ferroviária nas proximidades de Ritápolis) do tupi significando “nuvem branca”
- Itutinga (ytu + ting) cachoeira branca
- Itumirim (Yty + mirim) cachoeira pequena
- Ibituruna (ybytyra + um) serra negra
- Caburu (distrito de São João Del-Rei) cab + uru (caixa de marimbondos). Há ainda outra explicação/variante – caa + mburu (mata maléfica)
- Içara (povoado no município de São Tiago) (j + sara) espinho pontudo – tipo de palmeira ou variante de juçara
- Cajangá (povoado do município de São Tiago) (caa + cangá) mata extensa
- Jacarandira (distrito do município de Resende Costa)
- Paraopeba – rio de águas rasas
- Pará – rio
- Cajuru (povoado do município de Resende Costa)
- Gajé



### HAGIOTOPÔNIMO SÃO TIAGO

(São) Tiago é um prenome onomástico em língua portuguesa com origem no latino Iacobus, que é latinização do nome hebraico Ya'akov (Jacó) Tiago é, pois, uma corruptela de Iago – aglutinação de Santo + Iago, produzindo as formas conhecidas São Tiago, Santiago. O nome Tiago, em português, tem outras variantes como Jacó, Iago, Jaime, Diogo e outras importadas como Jack, Jacqueline, Jacques, James, Jackson, Diego etc.

Segundo a oralidade local – de forma unânime – a denominação SÃO TIAGO foi concedida à região por mineradores de origem espanhola, devotos de São Tiago Maior, padroeiro da Espanha, que aqui chegaram nos albores do século XVIII (1708) Em gratidão, em cumprimento a promessa, após encontrarem ouro no local “Vargem Alegre” ergueram pequena ermida em honra ao Santo de sua devoção. Registre-se que os primeiros documentos relacionados ao povoamento da região – como as cartas de sesmarias (1737/1747) – mencionam-na como “Paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe” ou ainda “Paragem do Rio do Peixe” O hierotopônimo São Tiago aparece em meados da década de 1760, quando da construção da capela, em terras doadas por Domingos da Costa Afonso (1697-1770), após autorização do bispado de Mariana (1761)

São Tiago > Santiago – léxico de origem portuguesa, contração de Santo Iago (Jacob em hebraico) com a vocalização da primeira consoante, sonorização da segunda e apócope da terceira. A pronúncia “Santo Iago” daria origem/convergência aos nomes de São Tiago e Santiago. Alguns linguistas, como José Augusto de Carvalho (“Problemas e Curiosidades da Língua Portuguesa”) afirmam que o nome Iago, personagem de Shakespeare (tragédia “Otelo”) provavelmente tenha vindo de Iaco, nome místico de Baco, deus do vinho, com as formas em português “bacante”, “bacanal”.

O nome Jacó significa literalmente “aquele que segura pelo calcanhar” ou simplesmente “calcanhar” (hebraico aqev) Segundo a Bíblia, Jacó teria nascido segurando o calcanhar de seu irmão gêmeo Esaú, ou seja o que dá sustentação ou suplantador (Gn 25:26)

Outros estudiosos traduzem-no também como “enganador” (hebraico aqav) em função da passagem bíblica na fala de Esaú: - “Então disse a ele: não é o seu nome justamente Jacó tanto que já me enganaste duas vezes!” (Gn 27:36) Aparecem ainda outras explicações como “o homem que lutou com Deus”, “que Deus o proteja” etc. de acordo com os diversos relatos e interpretações bíblicas e a gosto de exegetas.

Segundo Francisco de Assis Carvalho, apenas 3 municípios no itinerário/âmbito da Estrada Real, nunca sofreram mudanças toponímicas, a saber Bananal, Casa Grande e São Tiago. Acrescenta ainda o autor: “Consideram-se repetidos aqueles nomes que, embora se grafem diferentemente, têm o mesmo significado ou etimologia: a) da união com o mesmo número de sílabas como Bom Fim e Bonfim, Bom Sucesso e Bonsucesso, Cana Brava e Canabrava, Igarapé-Açú e Igarapéçu, Paudalho e Pau d’Alho, Santa Ana e Santana, Santiago e São Tiago etc.” (Memória Toponímica da Estrada Real, São Paulo, USP, 2012, pp. 451 e 532)

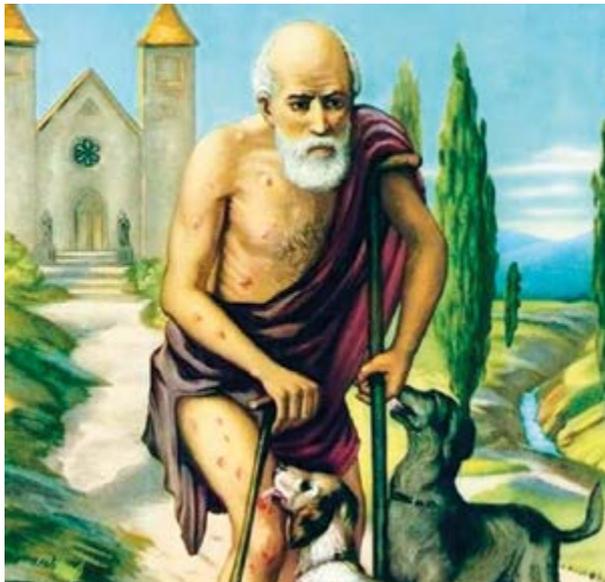
## ALGUNS SANTOS DE DEVOÇÃO POPULAR EM MINAS GERAIS

- São Simão Estilita – protetor contra calamidades e catástrofes
- São José – padroeiro da família
- São Benedito (São Bento) – protetor contra mordidas de animais peçonhentos
- São Cornélio – advogado dos maridos para que suas mulheres sejam virtuosas
- São Lourenço – protetor contra tempestades, redemoinhos
- São Tude – protetor contra tosses rebeldes
- São Tomás de Aquino – padroeiro da boa memória e da erudição
- São Hermenegildo – (também) protetor contra tempestades
- São Macário – advogado para quem as mulheres sejam fiéis e virtuosas
- São Francisco de Paulo – patrono da caridade
- São Pedro Gonçalves – patrono dos marinheiros
- São João Nepomuceno – patrono dos confessores
- São João – patrono dos clérigos
- Santo Onofre – protetor das mulheres



São Gonçalo do Amarante

- São Miguel dos Santos – protetor contra câncer e tumores
- São Libório – protetor contra cálculos
- São Sérvulo – protetor contra paralisia
- São Gonçalo do Amarante – patrono do casamento; homenageado pelas moças casamenteiras com festividades e danças típicas
- Santo Amaro – protetor contra fraturas e mutilações
- São Sebastião – protetor contra pestilências e contágios malignos
- São Bráz – protetor contra as afecções da garganta
- Santa Apolônia – protetora contra dores e infecções dentárias
- São Lázaro – protetor contra elefantíase e moléstias contagiosas
- Santa Margarida de Crotona – protetora das parturientes
- Santo Agostinho – protetor da boa memória, inteligência e da vocação para os estudos
- Nossa Senhora da Conceição – padroeira dos estudos acadêmicos



São Lázaro

cos e profissionais

- Santa Luzia – protetora contra moléstias dos olhos
- Santo Antonio – advogado das coisas perdidas e de inúmeros outros pedidos, dentre eles casamento
- São Jerônimo / Santa Bárbara – protetores contra trovões, raios, tempestades

## DENOMINAÇÕES DE MUNICÍPIOS MINEIROS

Dos atuais 853 municípios de Minas Gerais, cerca de 103 (12% do total) apresentam denominações relativas a santos e a Nossa Senhora <sup>(1)</sup>. Outros 329 municípios (38,6%) já tiveram, por sua vez, designações toponímicas da mesma natureza, ou seja de cunho religioso, que foram substituídos ao longo do tempo, configurando a influência colonial-religiosa portuguesa no processo de nosso povoamento. Muitos desses municípios perderam – ou melhor, tiveram as denominações reduzidas, ainda que permanecendo vestígios hagiográficos. Ex. Conceição da Barra (Nossa Senhora da Conceição da Barra); Desterro de Entre Rios (Nossa Senhora do Desterro de Entre-Rios) <sup>(2)</sup>

Muitos povoados inicialmente com denominações de acidentes físicos e orológicos (rios, montanhas) foram substituídos por denominações religiosas ante a edificação de capelas em honra a oragos, o que ocorria com mais propriedade nas paragens e caminhos percorridos por bandeirantes <sup>(3)</sup>. Um exemplo disso é nosso município e território circunvizinho, inicialmente conhecido como “Paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe”, conforme se vê em cartas de sesmarias e que com a edificação da capela em honra a São Tiago teve, a partir da década de 1760, sua denominação alterada.

Os linguistas, dentro do modelo taxionômico, classificam como hagiotopônimos os nomes de lugar que se referem a santos e santas do hagiológico romano. Alguns autores, como Maria Vicentina de Paula Dick, consideram as toponímias relativas a invocações a Maria como mariotopônimos, uma subdivisão dos hierotopônimos <sup>(4)</sup>

Os motivos para a escolha do nome de um município, ressalvada a legislação pertinente, pauta(va)m-se pela subjetividade coletiva (ou mesmo individual), por interesses e caprichos políticos etc. O ato de se dar, nos diversos períodos da história mineira, um nome devocional aos lugares - denominações muitas delas trazidas por colonos a partir de sua motivação pessoal ou natal - sempre foi uma praxe e uma constância desde os primeiros momentos do povoamento territorial. Na verdade, um retrato do comportamento comunitário e sem dúvida um rico patrimônio sócio-linguístico-

-cultural, naquilo que a ciência toponomástica trata como um “capítulo da psicologia social”

Na disseminação e interiorização da fé católica em Minas Gerais, destacaram-se os padres carmelitas, mesmo porque Mariana, a primeira capital mineira, foi fundada sob a proteção de Nossa Senhora, em fins do século XVII e inícios do século XVIII. Igual papel tiveram os abnegados franciscanos, jesuítas e outras ordens, em muito contribuindo para o enraizamento da fé nas terras das Alteirosas <sup>(5)</sup>. Há que se enfatizar, outrossim, o trabalho das irmandades como promotoras dos ofícios e celebrações e ainda de edificação e manutenção dos templos, mormente nas cidades consideradas “históricas”, as primeiras vilas da Capitania: Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João Del-Rei etc. Assim, as devoções, sob as mais diversas invocações – até então restritas ao litoral e ao planalto – espalham-se por todo o interior, através das “entradas” e “bandeiras”, consolidando-se com os trabalhos de mineração, tropeirismo e de pastoreio (este mais acentuado na região do São Francisco) Os negros, por sua vez, também tinham suas predileções confessionais, com invocação principalmente aos padroeiros afins aos cativos africanos como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e outros.

J.D.Gonzalez, professor da Universidade de Santiago de Compostela, que estudou os nomes dos santos no âmbito do latim, galego e português, esclarece que o antigo hábito de se dar aos lugares o nome ou patronato de santos delegava a este(s) a condição de símbolos da Igreja, ainda que um modesto oratório ou ermida, denominação que, posteriormente, englobava as terras daquela freguesia e povoações nas circunvizinhanças do templo religioso. O nome torna-se “vivo”, transmitido de boca a boca, formando a memória coletiva daquele povo, testemunhando, assim, sua origem, consolidação e transformação.

### NOTAS

(1) *Os portugueses, ao trazerem para o Brasil, a fé cristã – sendo o culto a Nossa Senhora e aos santos uma de suas principais manifestações – espalharam-na por todo o extenso território recém descoberto e gradativamente colonizado. Fincando cruzeiros, erigindo capelas, os desbravadores, à medida que se apossavam do vasto território, davam vazão à sua devoção, cultuando os santos, fixando sua língua e cultura em meio ao ermo, ao clima e acidentes interioranos.*

*Utilizamos como fonte-base para a presente matéria a(s) pesquisa(s) de Ana Paula Mendes Alves de Carvalho (“Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios”) publicadas na Revista de Estudos da Linguagem v. 26, nº 3, 2018, pp. 1123-1150.*

*A citada pesquisadora, por sinal, enumera o município de São Tiago com a adoção oficial do citado nome em 1802, sem especificar ou fundamentar sua afirmação (op.cit p. 1143). Ainda, segundo a autora, dos 432 municípios mineiros contendo denominações motivadas pela devoção religiosa (hagiotopônimos), 405 deles, ou seja 94%, passaram por uma ou mais mudanças ao longo dos anos e apenas 27 deles (6% do total), aos quais a autora inclui São Tiago, mantiveram o nome original. Ficam o registro e nossas interrogações...*

(2) *Dos 853 municípios mineiros, 103 deles (12% do total) possuem denominações toponímicas referentes a Nossa Senhora e a nomes de santos. Por outro lado, 432 municípios (38,6%) em algum momento da história, foram designados por topônimos religiosos. Essa redução, segundo historiadores, ocorreu em função da legislação toponímica – trazida, em especial, pelo decreto lei nº 5901 de 21-10-1943 – que disciplinou a utilização de topônimos pelos municípios, vedando denominações com mais de duas palavras-base. Ex. Nossa Senhora do Carmo do Cajuru (hoje Carmo do Cajuru)*

(3) *Tema tratado pelo linguista prof. Heitor Megale em sua obra “Bandeiras e Bandeirantes”*

(4) *Obras de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick: “A motivação toponímica e a realidade brasileira” ed. do governo de São Paulo, 1990; “Toponímia e Antroponímia no Brasil” USP, 1990 etc. Colaboradora do projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais” UFMG, 2006.*

(5) *Registre-se a fortíssima presença do culto a Maria em todo o território mineiro, ao lado de sua mãe Sant’Ana, esta padroeira dos mineiros, devoção trazida pelos colonizadores portugueses, cultivada(s) profusamente pela piedade popular e com eloquente embasamento litúrgico. Inúmeros outros santos compõem e consubstanciam a iconografia e a hagiologia nas terras mineiras, como Santo Antonio, São Gonçalo, São Francisco de Assis etc.*

*Ver matérias em nosso boletim nº CV – junho/2016.*

# Memórias dos caminhões de leite de São Tiago

Em São Tiago, nas décadas anteriores à de 1990, os caminhões e caminhoneiros do leite exerceram grande influência na prestação de serviços às nossas comunidades rurais e ao pessoal da zona urbana. Não só transportavam leite, mas, pessoas, mercadorias, encomendas e até algumas aves e animais.

Hoje, com a modernidade e novas exigências do Ministério da Saúde, esses caminhões passaram a ter apenas uma função: apanhar e transportar o leite das fazendas, sítios com destino às fábricas na cidade.

As “velhas latas” foram descartadas e hoje são apenas peças de museu ou artesanatos. O leite atualmente passa por outros processos, mesmo na fazenda: são armazenados em tanques refrigerados e quando chega o caminhão-tanque, acopla uma mangueira por onde passa o produto até o caminhão, sem manuseio das mãos do caminhoneiro. Com isso, acabou “aquele romantismo” agregado à “chegada do caminhão de leite” sua partida, viagem, trajeto e sua chegada à cidade.

Nosso município sempre era dividido por várias “linhas de leite” e grandes homens exerceram esta função pelas comunidades do Capão, Tatu, Patrimônio, Jacaré etc. Me lembro de pessoas de grande valor, o Sr. Toniquinho, Zeca (seu filho), Sr. Enir Avelar, Sr. João Benjamim, Raimundo da Mariana, Osório entre outros. Essas pessoas marcaram muito pelo sentimento de partilha, de doação, de comprometimento.

Os caminhões andavam sempre lotados. Praticamente era o único meio de comunicação entre a zona urbana e a rural. Nos pontos específicos, homens, mulheres, crianças, rapazes, trabalhadores, apanhadores de café, idosos aguardava o transporte com com sacolas, trouxas, ferramentas, sombrinhas, às vezes, com aves e animais delegavam ao caminhoneiro, bilhetes, recados, dinheiro, embalagens de remédios, cartas, encomendas diversas afim de seguirem para a cidade. Bondade, caridade, voluntariado, favores marcavam esses momentos nas linhas de leite.

Quando o caminhão se aproximava, o caminhoneiro com paciência peculiar abria a porta da cabine e gritava: “Mulheres e crianças pequenas e velhos entram aqui”. Onde cabiam duas pessoas, amontoavam até cinco e tudo se resolvia... Os outros escalavam os pneus dos lados e subiam naquela euforia, sempre auxiliados por aqueles que já estavam acomodados. Com isso, o caminhão em movimento ia dividindo biscoitos, broas, frutas e as conversas tornando-se coletivas: falavam das comadres, das crises, da alta da banha, do roçado, da chuva que demorou, do fulano que morreu, do casamento da vizinha, da ciclana que ganhou filho, da morte do capado, das esmoladas para o Senhor São Tiago e tantos outros



temas. Eram muitas histórias partilhadas nesses momentos.

Os caminhões tinham uma divisão com banco de tábuas onde latas com leite ficavam atrás e as pessoas com suas tralhas na parte da frente e às vezes sobre as latas. E o caminhão ia seguindo estrada a fora, com curvas profundas, grandes subidas e descidas, levantando poeira, agarrando no barro, desviando de gado e buracos, passando em mata-burros mal cuidados e os causos correndo solto com boas e espontâneas gargalhadas. Rostos sofridos, mas felizes. Ninguém reclamava destas condições, do desconforto, nem da demora, da poeira, do vento, do sol, do frio e nem da chuva. O caminhoneiro sempre alegre, conversando com os passageiros da cabine, paciente e atento com o pessoal da boleia.

Nos pontos, a rotina de sempre: descer, pegar a lata pesada, desenroscar, medir o leite com canecão ou a régua; anotar e entregar, receber encomendas, cartas, bilhetes, dinheiro e, às vezes, algum agrado pelos serviços prestados: ovos caipiras, rapadura, queijo, garrafa de melado, pinga, frango caipira, doces, chuchu, abóbora madura, litros de jabuticaba, mangas, saco de laranjas, etc.

Era o melhor momento na comunidade rural. A espera era sentida com muita ansiedade e logo o fazendeiro perguntava: tem bilhete? Tem encomenda? Alguém morreu?

Pessoas subiam com balaio de queijos, sacos de galinhas vivas para vender na cidade, lata de banha, broas enroladas em panos e roupas acomodadas em grandes fronhas ou sacos de pano (não tinham sacolas). Mães colocavam toucas nas cabeças das crianças, vestiam blusas de lã e as mulheres vestidas com calças largas e compridas para subirem com decência no caminhão. Professoras acomodadas, seguravam seus livros, cadernos, pasta com material pedagógico que levava para as escolas rurais. Trabalhadores com chapéu, ferramentas, embornal etc. Os cachorros eram amarrados junto às pessoas, na lateral do caminhão ou na grade acima da cabine, junto ao seu dono.

Por volta de 10 horas, nossas mães falavam: “o caminhão do leite está chegando, está na hora do almoço”. Para nós, crianças da cidade eram muito esperada a hora do caminhão do leite para ver aquela cena animada: muita conversa, várias pessoas, com suas roupas coloridas, jogando suas tralhas e naquele frenesi, subindo e descendo e lá estava o caminhoneiro, calmo, tranquilo esperando o sobe e desce das pessoas.

Depois de subir a rua já na cidade, o caminhão distribuía leite para várias casas que deixavam seus “caldeirões de alumínio areados” nos alpendres, muros. Terminando a distribuição, dirigia à fábrica onde o leite era entregue para ser processado e as latas todas lavadas, esterilizadas, enfileiradas ao sol, voltavam para o caminhão para no dia seguinte cumprir a mesma tarefa. Isso todos os dias do ano, sem férias, sem interrupção e sempre na pontualidade de horário.

Devemos muito aos caminhoneiros que cuidaram com tanto carinho do nosso leite e do nosso povo são-tiaguense. Tempo bom e de muitas histórias para contar. Gratidão!

**Maria Elena Caputo de Castro**  
Professora/Psicóloga

# Tempos contemporâneos com a Covid-19, construindo novos começos

Há um ano, em meados de março de 2020, fomos surpreendidos com o novo coronavírus (Sars-coV-2), trazendo medo de algo quase desconhecido e do que estava por vir. O vírus fez com que tudo parasse e tomasse outros rumos na vida da população mundial. O impacto da pandemia com a crise sanitária foi geral sobre todas as comunidades e instituições, seguida da crise financeira. Todos, de alguma forma, tiveram que se organizar para prosseguir como podiam, modificando seus projetos ou desistindo devido às condições. Certamente essa geração do século XXI se incumbirá de fazer mais esse registro triste nos livros de história local, regional, nacional e mundial. Mais um acontecimento marcante que abalou a saúde pública com seus efeitos nocivos, perdas, sofrimentos, questões políticas, divisões e uma avalanche de achismos, mitos e também de conquistas significativas no meio científico. Exemplo da evolução tecnológica sobre vacinas que demorariam anos e anos para ficarem prontas e devido a testes e protocolos atuais e avanços científicos, puderam estar disponibilizadas de forma decrescente até a população mais nova, o que ainda levará algum tempo, mas acontecerá. Embora estejamos com as vacinas quase às portas para disponibilidade de todos, que é o grande desejo da maioria, a população mundial sofre com a pandemia. Existem inúmeros infectados e milhares de mortos em números substanciais. Hoje em dia há forte apelo para que todos mudem seus hábitos e façam a sua parte tomando as medidas restritivas para evitar uma disseminação maior e, evitando consequências graves.

As unidades regionais de saúde se encontram lotadas com pacientes de COVID em estágio de tratamento e com outros que necessitam devido a outras doenças. Os noticiários mostram sistemas de saúde colapsados bem como de serviços funerários. É preciso que todos tenham consciência de levar isso a sério e se precaverem. Se nos telejornais já dá um certo pavor em ver essas cenas, imagina quando acontece próximo a nós? E não é a primeira vez que a comunidade passa por epidemias e pandemias. Na história mundial também fomos afetados por pestes, cólera, tuberculose, gripe espanhola, varíola, coqueluche, febre amarela, sarampo etc. Muitos morreram. Os recursos eram poucos ou quase nenhum. Se naquela época muitos perderam seus entes queridos, imagina hoje que os tempos são outros e mesmo assim corremos o mesmo risco? Nossa comunidade jamais conseguiria controlar um surto pandêmico. É preciso ter atenção redobrada e cuidar mesmo da saúde, ter atitudes positivas na prevenção, tanto na questão sanitária pública, quanto nas ações simples do dia a dia, como uso de máscaras, uso de álcool em gel higiene pessoal, lavar as mãos, distanciamento social, sobretudo, em locais públicos.

A pandemia pegou a todos de surpresa e suas consequências anteciparam vários sentimentos negativos para a humanidade como tristeza, medo, angústia e pânico. Cada um sentirá de uma forma esse mal-estar. Haverá outros com mais facilidades para lidar com isso. De qualquer forma, nunca fique com sentimentos para si, partilhe! Evite ficar só, se possível com familiares e amigos. Diferente de outros tempos, hoje nós temos opções de entretenimento na internet ou na televisão, claro que existem bons conteúdos e outros que precisam ser filtrados. As redes sociais estão aí para ajudarem na interação e diminuir da distância que é exigida no momento,



evitando assim, aglomerações. Haverá um tempo oportuno para encontros!

As igrejas no momento também se adequaram para manter algumas de suas celebrações e o contato com o sagrado. A tecnologia de forma geral também ganhou mais evidência para auxiliar no cotidiano. Quem não tem acesso à tecnologia, aproveita para conversar da janela de casa com a vizinha do lado ou do outro lado da rua que também está na janela. Os que precisam ficar em casa se redescubram em algum dom ou talento para o artesanato, culinária, tocar um instrumento, ver filmes, pintar, bordar, tricotar, rezar, escrever histórias, poemas, poesias, ler um livro ou fazer cursos no ambiente virtual, pois existem inúmeros cursos gratuitos. Vemos pela televisão, em reportagens, que as pessoas têm descoberto dons e talentos e fazem deles aliados para empreender e passar esse período. Não se esquecendo também de exercitar, pois os exercícios físicos ajudam a relaxar o cérebro e trazer bem-estar ao corpo. Evite discussões ou situações de estresse que possam causar uma carga emocional desconfortável. Cuide também da alimentação e beba bastante água. Mantenha o equilíbrio!

O momento presente é para se cuidar e cuidar dos que amamos. Já estamos aprendendo lições que a pandemia também tem nos feito enxergar. Um desacelerar de muitas coisas, da vivência de superficialidade, ostentação e valorizar pequenas coisas, refletir, ressignificar, resgatar valores que realmente fazem parte da história pessoal.

Nesses tempos difíceis, mas também de muitos aprendizados, parece que nos encontramos diante de situações de impotência, insegurança, incerteza porque lutamos com um inimigo invisível. Porém acredita-se que ainda conviveremos com o vírus por um bom tempo. Com coragem, fé, esperança e amor ao próximo e venceremos com pensamento e ações positivas, além de atravessarmos esse momento com serenidade e confiança! A pandemia ainda nos assombra, mas trazemos no coração um desejo grande de sair desse período retomar o nosso caminho.

O novo normal requer cuidados especiais consigo e com o outro, afim de alguns segmentos da sociedade continuarem a funcionar. Porém, novos recomeços devem partir de várias dimensões da vida, do particular ao universal e vice-versa. São ações que devem ser gestadas de forma estratégica pela política, segmentos sociais, religiosos, ONGS onde todos compreendam os fatos contemporâneos e as façam de forma responsável e consciente. Tem-se visto legislações se modificarem a cada dia, abre o comércio, fecha, funciona só o essencial. Depois volta quase ao normal, fecha tudo novamente devido às “ondas” e estatísticas locais, regionais, estaduais. No entanto, cada um fazendo a sua parte tudo passará. Basta-nos cuidar do dia de hoje e não se esquecer de quem está passando por dificuldades, sobretudo, quem está sem renda, sem alimentos.

**Marcus Santiago**  
IHGST/ALSJDR

# CASA DO POMBAL EM SÃO TIAGO

No inventário de D<sup>a</sup> Floriana Eufrásia da Silva, falecida em 1846<sup>(1)</sup>, dentre seus vastos bens, ela aparece como proprietária de uma “casa de moradas no arraial de S. Tiago”, aqui conhecida como “Casa do Pombal” (referência à fazenda do Pombal, entre São Tiago e Resende Costa). Era ela ainda proprietária da Fazenda São Miguel. Segundo o sr. Antonio Ribeiro Jackson, a “Casa do Pombal”, demolida há décadas, ficava onde é hoje a Séde Social Santiaguense, confluência das Ruas Viegas, Pref. Wanderley Lara e Praça da Matriz. Seus proprietários até meados do século passado foram a sr<sup>a</sup> Mercês e sr. Carlos Pinto de Resende e anterior a eles o sr. José Carlos da Silva Tióte e D<sup>a</sup> Iluminata Francisca Lara (pais de D<sup>a</sup> Mercês)

José Carlos da Silva Tióte era filho do Cap. José Justino da Silva e D<sup>a</sup> Maria Micaela de Jesus, esta, por sua vez, filha de D<sup>a</sup> Floriana Eufrásia da Silva, riquíssima fazendeira de nosso meio, proprietária das Fazendas do Pombal e São Miguel.<sup>(2)</sup> D<sup>a</sup> Iluminata Francisca

Lara (vulgo D<sup>a</sup> Nanhá) era filha de Francisco Gonçalves Lara (+ 20/01/1878) e D<sup>a</sup> Clara Maria de Jesus<sup>(3)</sup> Francisco Gonçalves Lara, por sua vez, era filho do Cap. Domingos Gonçalves Lara e Ana Francisca de Jesus, enquanto D<sup>a</sup> Clara Maria de Jesus era filha do Cap. João Gonçalves de Mello e Rita Clara de Jesus. O Cap. João Gonçalves de Mello, por seu turno, era filho homônimo do Ten. João Gonçalves de Mello e Ana Quitéria de Souza.

O Cap. José Justino da Silva era filho de Juliana Maria de Jesus e foi, juntamente com seu irmão o Cap. Flávio José da Silva, exposto(s) na casa do Pe. Miguel Ribeiro da Silva, falecido em 1825<sup>(4)</sup>

Carlos Batista da Silva, em sua obra manuscrita “As Três Mortas” escreve: “Este drama de amor teve por cenário a conhecida casa do Pombal, ao tempo em que ali residiam D<sup>a</sup> Nanhá e sua família, a quem Mandica era muito afeiçoada e com quem costumava passar as tardes” p. 61.

## NOTAS

(1) Inventário de D<sup>a</sup> Floriana Eufrásia da Silva – cx. 396, ano 1846, Iphan/SJDR) Sobre D<sup>a</sup> Floriana Eufrásia da Silva ver matéria em nosso boletim n<sup>o</sup> CIV Maio 2016, CXII janeiro/2017 e CXXI junho/2019.

A título de observação, D<sup>a</sup> Floriana Eufrásia da Silva foi madrinha de batismo de Modesto, filho de José Jorge da Silva e Quitéria Tomásia de Jesus, aos 20-07-1801 na capela de São Tiago (Projeto Compartilhar – José Jorge da Silva)

(2) Sobre D<sup>a</sup> Floriana Eufrásia da Silva, ver matéria em nosso boletim n<sup>o</sup> CXII, janeiro/2017

(3) D<sup>a</sup> Clara Maria de Jesus era filha do Cap. João Gonçalves de Mello e Rita Clara Jesus, neta paterna de João Gonçalves de Mello (homônimo) e Ana Quitéria de Souza. Segundo nos informou o sr. Antonio Ribeiro Jackson, D<sup>a</sup> Iluminata era irmã de Rita Cândida (avó de sua mãe Hormandina de Mello e Silva, familiarmente conhecida como Mandica) e ainda de José Isalino Lara, pai dos srs. João Lara, Francisco Lara etc.

Francisco Gonçalves Lara, pai de D<sup>a</sup> Iluminata, era filho de Domingos Gonçalves Lara e D<sup>a</sup> Francisca (A família Gonçalves Lara, tradicional entre nós, é oriunda de Cel. Xavier Chaves) Ver matéria em nosso boletim n.

(4) Pe. Miguel Ribeiro da Silva, na casa de quem o Cap. Flávio José da Silva foi exposto, deixou-lhe, em testamento, 100 mil réis e nomeando-o ainda como seu cotestamenteiro (Testamento de 14/12/1822, aberto em 04/10/1825 – cx. 129 – Iphan/SJDR)



Casa do Pombal –  
antiga Rua Viegas



Ruínas da  
fazenda do Pombal

## CAP. JOSÉ JUSTINO DA SILVA

Fazenda do Pombal, freguesia da Lage (Resende Costa), vila de São José (Tiradentes)

Inventário 1861 – Cx. 403 – Iphan/SJDR

Inventariante: Domiciano José Rodrigues (genro)

Filhos relacionados no inventário:

- Elidia Justina da Silva c/c Domiciano José Rodrigues
- Odília Justina da Silva c/c João Rodrigues Vale
- Maria Cândida da Silva c/c Gabriel José Rodrigues
- Diocleciano, 19 anos em 1861
- Ana, 17 anos
- Ermelinda, 15 anos
- Francisco, 9 anos
- Joaquim, 6 anos
- José (Carlos da Silva Tióte) 2 anos
- Francisca, 10 meses

Bens (montemor) avaliados em 32:535\$830 (sendo 3:470\$000 em dotas às filhas casadas), cabendo a cada um dos 10 herdeiros 3:253\$583. Constam inventariados vários bens, a saber (princi-

pais): 15 escravos, casa no arraial de São Tiago, terras e vivendas de casas na Fazenda do Pombal, sorte de terras na Fazenda da Sesmaria etc.

D<sup>a</sup> Maria Micaela de Jesus, esposa do Cap. José Justino da Silva, falecera em 1860, provavelmente de complicações de parto, deixando recém nascida a filha Francisca.

## MARIA MICAELA DE JESUS

Fazenda do Pombal, freguesia da Lage, vila de São José

Inventário 1860 – Cx. 122 – Iphan/SJDR

Inventariante – Capitão José Justino da Silva (viúvo)

Bens arrolados:

21 escravos – gado – mobiliário – sortes de terras na Fazenda da Sesmaria (uma adquirida de Urbano Machado Valadão e outra de Hilarino Gonçalves Lara) – morada de casas no arraial de São Tiago com quintal – casas de vivendas na Fazenda do Pombal, incluindo senzalas, paiol, moinho, ranchos, monjolo, olaria etc.

Montemor 55:659\$557, do qual foram abatidos 253\$280 (cus-

tas) e 27:703\$138 (meação do viúvo), cabendo a cada um dos 10 herdeiros 3:117\$213

Na discriminação dos filhos, não aparecem relacionados os filhos Francisco, Joaquim, José e Francisca, embora devidamente contemplados/aquinhoados como herdeiros no inventário da mãe.

## FLORIANA EUFRASIA DA SILVA

### Inventário

Museu Regional de São João del Rei

Tipo de Documento: Inventário

Ano: 1846

Caixa: 396

Nº de páginas: 58

Inventariada: Floriana Eufrasia da Silva

Inventariantes: Capitão Flavio Jose da Silva e Capitão Jose Justino da Silva

Local: Vila de São José

Transcrito por: Edriana Aparecida Nolasco a pedido de Regina Moraes Junqueira.

fls. 01

Autuação de uma petição e partilhas amigáveis e inventário dos bens da falecida Dona Floriana Eufrasia da Silva, feito entre seus herdeiros Capitão Flavio Jose da Silva e Jose Justino da Silva com suas mulheres.

fls. 02

Dizem o Capitão Flavio Jose da Silva por cabeça de sua mulher Dona Iria Jesuina da Conceição e o Capitão Jose Justino da Silva por cabeça de sua mulher Dona Maria Micaela de Jesus, genros e filhos da falecida Dona Floriana Eufrasia da Silva (...).

fls. 03 - Bens

- uma morada de casas de vivenda, senzala (...) na fazenda denominada São Miguel e Ermida.
- uma morada de casas no Pombal
- uma engenhoca
- uma morada de casas no Arraial de São Thiago
- uma morada de casas do Engenho de canas e Banguéis
- um engenho de cana de selindre
- duzentos e vinte alqueires de campos na dita fazenda de São Miguel.
- noventa e seis e meio alqueires de culturas em capoeiras
- culturas em capoeiras na Fazenda do Pombal
- campos na dita fazenda do Pombal.

fls. 65v. Auto de Partilhas

Monte: 27:797\$220

Líquido: 26:897\$220

para cada herdeiro: 13:448\$610

fls. 12 - Procuração

Procuradores Nomeados: Luís José da Rocha Maia e Jose Joaquim de Santana

Local: Fazenda de São Miguel

Data: 01 de Junho de 1846

Que Faz: Jose Justino da Silva (Capitão da Guarda Nacional) e Flavio Jose da Silva (Cavaleiro da Ordem da Rosa e Capitão da Guarda Nacional).

fls. 14

Diz o Capitão Flávio Jose da Silva e o Capitão Jose Justino da Silva, por cabeça de suas mulheres Dona Iria Jesuina da Conceição e Dona Maria Micaela de Jesus, genros e filhas da falecida Dona Floriana Eufrazia da Silva, moradores no Distrito de Santa Rita do Rio abaixo deste Termo (...)

(...) são estes casados em face da Igreja (...).

(...) as mesmas Dona Iria e Dona Maria são filhas naturais da falecida Dona Floriana Eufrazia da Silva, que as teve no estado de solteira (...).

A Fazenda do Pombal (1860) consta com 331 alqueires, sendo 102 alqueires de cultura (avaliados em 4:590\$000) e 229 alqueires de campos (avaliados em 6:870\$000) Total – 11:460\$000

(Nossos agradecimentos à historiadora Amanda Reis pelo repasse do inventário retro)

fls. 15v. TESTAMENTO

Em nome de Deus. Amém.

Eu Floriana Eufrazia da Silva (...) ordeno meu testamento pela maneira seguinte:

Declaro que sou natural da Freguesia de São João del Rei, exposta ao falecido Padre Barnabé Ribeiro da Silva, solteira e neste estado sempre vivi até o presente e por fragilidade tive duas filhas, uma por nome Iria que se acha casada com meu afilhado Flavio Jose da Silva, e Maria que se acha casada com Jose Justino da Silva e como tais as reconheço e são minhas únicas e universais herdeiras.

Nomeio para meus testamenteiros em primeiro lugar ao dito Flavio Jose da Silva e em segundo ao dito Jose Justino da Silva, e em terceiro lugar ao Tenente Coronel Francisco Mendes de Almeida (...).

Sou Irmã Professa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo da cidade de São João del Rei e quero que meu corpo seja envolto em Hábito da mesma Ordem e sepultada na Capela mais vizinha ao meu falecimento (...)

(.....)

Deixo em legado ao meu afilhado Francisco filho de Jose Marcelino cinquenta mil réis e na sua falta a seu pai.

Deixo a Ana e Maria minhas sobrinhas filhas de meu irmão Jose de Souza, cinquenta mil réis a cada uma.

Deixo a minha exposta Ana Jacinta sessenta mil réis e muito recomendo ao meu testamenteiro a sua educação e caridade para com ela.

Deixo pela mesma forma e com a mesma recomendação a minha exposta Marcelina sessenta mil réis.

Deixo ao meu afilhado Joaquim, filho de Jose Carlos da Silva e Flocila, trinta mil réis e na falta daquele a estes seus pais.

(.....)

(...) deixo para os reparos da Capela de Santa Rita de onde sou aplicada dez mil réis.

Declaro que o meu primeiro testamenteiro Flavio José da Silva tem sido o tombo desta casa e muito me tem ajudado como administrador desta Fazenda sem ter recebido salário algum, por isso em recompensa de seu trabalho lhe deixo de minha terça oitocentos mil réis.

São minhas universais herdeiras as ditas minhas filhas Iria Jesuina da Conceição casada com Flavio José da Silva e Maria Micaela de Jesus casada com Jose Justino da Silva, e se houver sobra da terça instituo as mesmas por minhas universais herdeiras dessa sobra.

(.....)

(...) por escrito a meu rogo por Francisco Antonio dos Passos (...) por eu não saber ler nem escrever (...).

Dona Floriana Eufrazia da Silva

fls. 21 - Inquirição de Testemunhas para Justificação dos Herdeiros.

Data: 08 de Junho de 1846

Local: Vila de São José

fls. 21v. - TESTEMUNHAS

01 - Fabiano Ribeiro da Silva, branco, casado, natural e morador do Distrito de Santa Rita, Freguesia da Lage deste termo, 64 anos, vive de lavoura.

- disse ser primo dos justificantes: Flavio Jose da Silva e Jose Justino da Silva, em segundo grau.

02 - Jose de Souza de Oliveira, branco, viúvo, natural do Distrito de Santa Rita, da Freguesia da Lage, morador no Distrito e São Thiago, Freguesia de Bom Sucesso deste Termo, vive de sua lavoura, 40 anos:

- disse ser irmão da falecida Dona Floriana Eufrazia da Silva (...) tio dos justificantes.

03 - Maria Antonia, crioula, natural da Aplicação de São João Batista, moradora no Distrito de São Tiago deste termo, vive de seus serviços em companhia de seu marido Rafael Ribeiro, 60 anos.

- disse ser comadre do justificante Flavio José da Silva, foi cativa do falecido Padre Miguel Ribeiro da Silva, hoje pessoa livre

# RESOLVENDO COM ÊXITO – E COM RISCOS – UMA AMEAÇA DE SUICÍDIO...



Todos conhecemos dramas e tragédias de pessoas que provocam o autoextermínio, a subtração às provas da própria vida. Uma acachapante derrota social. Que circunstâncias, enfim, levarão uma pessoa a se evadir da existência, abreviando voluntariamente seus dias, por mais duras as provações e por mais acerbos os sofrimentos?!

Não nos compete nenhum prejulgamento. Cabe-nos a comiseração, a prece intensa, a certeza da infinita misericórdia de Deus quanto a todos os Seus filhos, por mais intrincados, insondáveis os seus atos.<sup>(1)</sup>

Em São Tiago, ao longo do tempo, vários casos dolorosos ocorreram, trazendo sofrimentos familiares e sociais incomensuráveis, quando não a perplexidade, pois, de modo geral, tratam-se de pessoas idôneas, pacatas, laboriosas, chefes de família modelares, mães e esposas extremosas, filhos exemplares e eis que, inopinadamente, a tragédia cai sobre todos.<sup>(2)</sup>

Um dos casos mencionados assiduamente pela memória popular é o de um bom rapaz, alcunhado Zé Pretinho, que escalara uma torre de alta tensão (dessas de Furnas que passam por nossa cidade), uns dizem por diversão ou graça, outros por estar alcoolizado, de lá desequilibrando-se, despencando da altura de uns nove metros, estatelando-se no duro solo, direto para a morte. Um acidente deplorável e à vista de inúmeros familiares e populares que buscavam dissuadi-lo, implorando que descesse.

Outro fato, há cerca de uns quarenta anos, motivo desta nossa seção, é o de um moço de respeitável família local, ainda vivo e trabalhador em outra cidade, bem educado por família de fazendeiros de nosso meio, que, por motivos desconhecidos (as más línguas que fora por razões sentimentais, desilusão amorosa, dor de cotovelo, rejeitado por uma jovem local por quem ele se enamorara, coisas dessa natureza), Subira o jovem – Deson, vamos assim denominá-lo – na mesma torre de alta tensão na região da Lagoinha, periferia da cidade, informando a todos, proclamando a plenos pulmões, lá do alto, que iria se matar, assunto que logo se espalharia por toda a cidade.

Um formidável alvoroço, um formigueiro humano se forma no local. Familiares, vizinhos, transeuntes, pessoas comuns, autoridades ali chamadas, tentam, por todos os meios, demovê-lo do tresloucado intento. Inúteis os apelos. O assunto chega finalmente aos ouvidos de seu tutor, fazendeiro que muito contribuíra na sua formação, também alta autoridade municipal, que desloca-se até à região da torre, epicentro da tragédia anunciada. Não está só. Vai acompanhado de seu inconfundível, inseparável revólver, uma garrucha Rossi, calibre 22, engrenada e municada até à boca<sup>(3)</sup> Dirige-se ao rapaz, seu afilhado e parente, determinando-lhe que descesse incontinenti. O jovem, embora o respeito e o temor ante seu protetor, se nega. Faz gestos insinuativos de que iria pular. O fazendeiro não tem dúvidas. Mirando as placas laterais da torre, à margem distanciada da posição onde se achava o aprendiz de suicida (evitando acidentes), mandou bala, a qual ricocheteou, abrindo largas faíscas por toda a extensão vertical da torre. Um segundo estampido, logo após. Mais fagulhas, alvoroços. Eis que, num átimo, o moço gritou, se rendendo, e fazendo das hastes um corrimão, sinuosa e rapidamente desceu, incólume, ao solo. E sob aplausos da multidão. Resolvia-se assim, com êxito, uma delicada situação, que por pouco, se transformaria em mais uma tragédia. O rapaz ganharia, a partir daí, tento e juízo.

## NOTAS

(1) *Os suicidas valem-se todas as formas de instrumentação, meios mecânicos e naturais para a consumação de seu extremado ato: cordas, veneno, fogo, arma branca ou de fogo, afogamento, lançando-se de prédios e penhascos etc. Há os que deixam cartas, mensagens, telefonemas, explicando as razões de sua atitude, mas um grande número parte em silêncio, de surpresa, assombrando a todos, em particular familiares e amigos. Segundo psicanalistas e psicólogos, são pessoas incontinentes interiormente, de uma fragilidade inconfessada, vivendo em realidade onde rumoreja a intranquilidade existencial, o que pode desembocar numa tenebrosa fatalidade.*

(2) *Ver, a respeito, a matéria “A tragédia da família Gabet” em nosso boletim, nº CVII, setembro/2016*

(3) *A fábrica de armas Amadeo Rossi S/A, uma das maiores do País, foi fundada em 1889 em São Leopoldo, RS. Tornou-se famosa por sua produção de garruchas, revólveres adotados em todo o Brasil por forças civis e militares de segurança e exportadas mundialmente. Desde 2010, a empresa passou a importar e exportar armas, encerrando a produção própria.*

## RÁBULA

“Rábula” ou “Provisionado” era o nome dado, antigamente, ao advogado prático, que, sem formação acadêmica – bacharelado em Direito – era autorizado para exercer, em 1ª instância, postulações ações forenses. Era-lhe concedida uma provisão (a partir de 1930 pela OAB) que o habilitava a atuar em juízo. A palavra passou a designar, de forma genérica, o indivíduo não formado que atuava profissionalmente e ainda pessoa faladora, prolixa, desarrozoada, que não consegue expor claramente suas ideias ou pensamento. Ou ainda, em sentido pejorativo, chicaneiro, desonesto, que se vale de artifícios inescrupulosos.

A palavra “rábula” tem ainda o sentido de papel secundário em peça teatral; pequena peça de caráter cômico (sketch).

Durante o período colonial, muitos autodidatas, por força do conhecimento e estudo das Ordenações Manuelinas e Filipinas, então vigentes, em especial nas distantes cidades do interior, tornavam-se habilitados para as funções em juízo. A atividade, regulamentada por Estatuto da Corte, de 24/07/1713, autorizava pessoas idôneas, ainda que não formadas, pudessem advogar.

Somente após a vinda da Família Real (1808), o Brasil passou a contar com dois cursos jurídicos (São Paulo e Olinda). Até então, nossos jovens tinham que estudar em Coimbra, para o que poucos tinham condições financeiras.

Não só advogados, mas também outras profissões, contavam com médicos, dentistas, engenheiros práticos, por absoluta falta de profissionais formados nessas funções. No meio jurídico, a figura do rábula somente viria a ser extinta pela OAB em 1994.

Rábula foi um bispo nascido em 350 d.C em Cálcis da Celsessiria, cidade e sé episcopal próxima a Alepo (Síria). Asceta, conhecedor das leis, eclesiástico modelar, tornou-se famoso pelos cuidados e defesa dos pobres de sua diocese, além de disciplinador austero dos monges e clero sob a sua autoridade.

O Brasil contou, no passado, com grandes rábulas, dentre eles: \* Luis Gama, ex-escravo, responsável pela libertação de centenas de escravos; \* Evaristo de Moraes, que, posteriormente, viria a bacharelar-se, tornando-se um dos mais célebres criminalistas do País, autor de dezenas de obras jurídicas. Foi ele o defensor do assassino do escritor Euclides da Cunha, crime que emocionou o País e ainda hoje motivo de acirradas polêmicas; \* Cosme de Farias, político baiano, personalidade pitoresca, celebrizada por Jorge Amado como “Major Damião” em “Tenda dos Milagres”; \* Antonio Pereira Rebouças, deputado no Império, advogado de José Bonifácio, Diogo Antonio Feijó, família Andrada e Silva; \* Manuel Vicente Alves, o “Doutor Jacarandá”, famoso e extravagante rábula carioca; \* Quintino Cunha, notável e irônico rábula nordestino, o terror dos promotores.

Em nosso meio, citam-se o sr. Octávio Leal Pacheco, homem de esmerado saber, ex-prefeito local; sr. João Coelho da Silveira, pessoa prática e que muitos serviços jurídicos subsidiários prestaram à população local.

## Últimas homenagens do povo de S. Tiago ao seu venerando Vigário

Deveras foi uma apoteose o tributo da saudade e pesar, de veneração e estima que o povo de São Tiago prestou ao seu inesquecível vigário — Padre José Duque de Siqueira que durante 52 anos regiu os destinos daquela Paróquia.

A cidade estava mergulhada em profunda consternação com o falecimento do seu pastor pa- roquial, tão amigo, tão zeloso e tão paternalmente justo e bon- doado. Via-se a tristeza no sem- blante de todos: ricos e pobres, grandes e pequenos, homens e mulheres, rapazes e donzelas, velhos e crianças. Lágrimas sin- ceras banharam a fronte dos paroquianos e amigos do Pe. José Duque de Siqueira que, inesperadamente faleceu na tar- de do dia 11 de agosto.

Costa curiosa! O 11 teve mar- ca nos fatos mais importantes da vida do falecido Padre Du- que. Nasceu a 11 de fevereiro de 1868. Ordenou-se a 11 de julho de 1890 e faleceu a 11 de agosto de 1955. Diz-se-á que a data do aparecimento de N. Senhora em Lourdes o dis- tinguiu para a vida sacerdotal e eterna.

Padre José Duque era um homem austero e ílibido. Enérgi- co e bondoso. Sincero e ami- go. Justo e generoso. Inteli- gente e piedoso. Ativo e apos- tólico. Simples e humilde. Dig- no e reto de coração. Uma palavra — era um sacerdote ver- dadeiro da Santa Igreja. Era também jocoso e lhaço.

Pároco zeloso e homem culto. Foi pregador nas visitas pasto- rais de D. Silvério e seu secre- tário em viagem pela Europa e Palestina, com o então Bispo de Mariana.

Além do grande espírito apos- tólico e sacerdotal, era empre- endedor de diversas obras sa- cerdotais, e as quais a matriz de São Tiago, iniciada em 1904 e remodelada pelo dinamismo do Pe. Francisco Eliol, o extraor- dinário companheiro e coadjutor do Pe. Duque, de quem era ami- go e viviam *con unum et consi- mum sentia*. Nos últimos anos, já alquebrado pela fadiga e traba- lho de tão longo pastoreio, o Pe. Francisco Eliol tudo empre- endia com zelo e heroísmo até em nome do venerando Vi- gário e sob sua experiência ees- pírito sacerdotal.

O Pe. José Duque fechou os olhos para esta vida, no meio dos seus filhos espirituais que que tanto o veneravam.

O enterro não era uma glo- rificação no que um cortejo In- sular, embora o badalar enlute- dos sinos e a harmonia acorda- das marchas fúnebres da banda de música.

Cerca de seis mil pessoas es- tiveram presentes. As associa- ções religiosas com suas bande- ras cobertas de luto desfilaram no meio do povo entristecido. O carinho do povo chegou ao requinte de alcativar de flores, diversos trechos das ruas por on- de passou o cortejo fúnebre, presidido pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano e quatorze sacerdotes que rezaram o ofício dos mor- tos e na encomendação solene participaram.

D. José celebrou às 9 hs. missa de corpo presente e às 17 horas procedeu às cerimônias litúrgi- cas dos mortos.

Estiveram presentes: Mons. Leão Medeiros Leite, Cura da Catedral de Oliveira; Pe. Mil- ton Medeiros, capelão do Hos- pital de Neuro-Psiquiatria Infan- til, desta cidade; Pe. Augusto Martins, Vigário de S. Francis- co de Oliveira; Pe. José Inácio, Vigário de Ribeirão Vermelho; Pe. José Vidaga, vigário de São Antônio do Amparo; Pe. João

Vieira, Vigário de Bom Suces- so; Pe. José Strona, Vigário de Cardo da Mata; Pe. Francisco Eliol, coadjutor de S. Tiago, desta Diocese; Conego Alvaro Aquino de Resende, Vigário de N. S. do Pilar de S. João del Rei; Pe. José Jorge Nicolin, Vigário de Ibituruna; Pe. Cicero Sales, ca- pelão em S. João del Rei; Pe. Silvio Chaves de Mendonça, Vi- gário de Santa Rita; Pe. Osval- do Lustosa, capelão do Hospi- tal e Igreja das Mesetas, de S. João del Rei; Frei Felicitismo O.F.M. guardião dos Franciscanos e Diretor do Colégio S. An- tônio de S. João del Rei. Havia delegações das paróquias de S. João del Rei, Ibituruna, Santa Rita, Bom Sucesso, Oliveira Moera do Perco, Lagoa Doura- da, Resende Costa, Condição da Barra, Mercês de Água Lim- pa, Passa tempo, S. Antônio do Amparo, Carmo da Mata, Ri- beirão Vermelho e outras paro- quias que não podemos identi- ficar.

O Prefeito de S. Tiago pres- tou carinhosa homenagem, de- cretando feriado municipal e par- ticipando de todas as solenidades fúnebres.

### Dados biográficos

Padre José Duque de Siqueira nasceu na Freguesia de S. Ri- ta do Rio Abaixo, arquidiocese de Mariana, a 11 de fevereiro de 1868, onde foi batizado e Cate-

mado em S. Tiago. Fez sua in- comunhão em 1877, laicou os estudos na sua cidade natal. De- pois transferiu-se para o Colé- gio de Congonhas do Campo em 1878. Cursos filosóficos e teo- lógica no Seminário de Mariana. Recebeu a 1a tonsura a 15 de março de 1888 por D. Antônio Corrêa de Sá e Benevides. Em 1889 Ordena Menores. As or- deus sacras recebeu de D. Silvério Gomes Pimenta. Ordenou-se sa- cerdote em 1895.

Vigário de Resende Costa (antiga Lagoa) em 1892 até ago- sto de 1897. Depois, Vigário de Ibituruna até 1900, quando a chamado de D. Silvério. foi se- cretário nas visitas pastorais e viagens a Roma e à Palestina.

Em 1908 foi nomeado Vigário de S. Tiago onde permaneceu até a morte.

Construiu a matriz e diversas capelas e cooperou na organi- zação das demais obras paro- quiais.

S. Tiago era filho de Beaz Freire de Siqueira e d. Francis- ca Elisa de Jesus. Deixa os se- guintes irmãos: João C. Siquei- ra, Francisco Parrico, Ana Lou- renço Siqueira, e as sobrinhas Ramiro Siqueira, Campos casa- do com d. Antonia Siqueira La- ra, d. Gertrúda Maria das Dores Castro, residente em S. João del Rei, d. Maria Jacinta de Olivei- ra, residente em Lagoa Dourada.

# GAZETA DE MINAS

Pag. 6 — Oliveira, 21 de agosto de 1955 — Num. 271

Obituário/encômio do Revmº Pe. José Duque de Siqueira

Jornal "Gazeta de Minas" nº 271 21/08/1955

Pesquisador: Marcus A. Santiago



Padre José Duque na Cachoeira do Sítio.

# TRADIÇÃO DE 150 ANOS TRANSFORMA CIDADE NA "TERRA DO BISCOITO" EM MG

*São Tiago, de 10,5 mil moradores, produz quitutes há mais de 1 século. Pelo menos metade da população ajuda a produzir 6 mil toneladas anuais.*

A pouco menos de 200 km de Belo Horizonte (MG) fica a pequena cidade de São Tiago, no Sul de Minas. Antes que fosse preciso alardear muito, toda a região já conhecia o município como a terra do café com biscoito. A tradição na produção dos quitutes é conservada por mais de 150 anos. Mas o que a difere de tantas outras cidades que conservam sua história é que os moradores de São Tiago a transformaram em fonte de renda. Ao menos um terço dos 10,5 mil moradores da cidade (segundo censo IBGE de 2010) ajudam a produzir 6 mil toneladas dos quitutes para vender para toda a região e em ao menos outros quatro estados. O grande feito garante ao município no mínimo um roteiro diferente da maioria das pequenas cidades do interior de Minas Gerais: a oportunidade de sucesso profissional sem precisar sair de casa.

Ninguém na cidade sabe definir ao certo quando o processo de industrialização dos biscoitos de São Tiago começou a se expandir. O que se sabe é que a tradição de produzir biscoitos e a qualidade dos mesmos sempre fez com que muita gente fosse à cidade comprar os quitutes e os levasse para fora. Para os fabricantes, fica difícil até definir o alcance que as vendas tomam. Atualmente São Tiago vive um paralelo entre a tradição artesanal que se mantém e um futuro que caminha para a produção massiva dos biscoitos. Com a criação de uma associação de fabricantes do produto, há 12 anos, as vendas aumentam a cada ano.

A cidade hoje produz mais de 100 tipos diferentes de biscoitos e a divulgação mais eficaz para se manter as vendas acontece em uma festa anual que serve biscoito e café de graça na praça do pequeno município. Em fevereiro do ano passado, os biscoitos de São Tiago também conquistaram o selo de procedência do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), garantindo que o produto de lá não se repete em nenhum outro lugar.

Para uma população que constantemente demonstra o quanto ama o lugar onde vive, a oportunidade de negócio "caiu do céu". O setor cria postos de trabalho ano a ano e o retorno financeiro torna desnecessário procurar emprego "na cidade grande".

## ERA UMA VEZ...

Muita coisa é incerta sobre o povoamento da região que hoje é São Tiago, mas a tradição conta que os primeiros habitantes buscavam ouro na região de Vargem Alegre, na Fazenda das Gamelas, de propriedade do padre José Manoel. Essa história tem início em 1708.

Também na memória do povo é preciso buscar a origem dos tradicionais biscoitos de São Tiago. A professora aposentada Nilza Trindade Moraes Campos já soma seus 70 anos e se orgulha em dizer que dedicou 45 deles dando aulas nas escolas da cidade. "Acho que todo mundo de São Tiago foi meu aluno. Aposentei, mas ainda tenho saudade", diz com um alegre sorriso no rosto.

Dona Nilza faz questão de destacar que sempre ensinou a origem e cultura do café com biscoito de São Tiago na escola. As crianças da cidade crescem conhecendo sua história, a admiram e fazem até poemas em homenagem a São Tiago. Dona Nilza já até publicou livros poetizando a tradição municipal. Ela começa a relatar o que a ela foi contado: desde a época dos bandeirantes se produzia quitutes no arraial. Comboios e viajantes que passavam pela região eram recebidos com os biscoitos e o cafezinho e usavam as fazendas para descansar do longo caminho. "Eles chegavam e as sinhazinhas iam fazer as guloseimas e quitutes para servir para o pessoal", conta.

Para continuar a história, dona Nilza puxa a lembrança da própria infância. Segundo ela, o pai foi um dos primeiros fabricantes de polvilho da região. Ela conta que o sítio da família era formado pela fábrica, o engenho de açúcar e as lavouras onde muita gente trabalhava não por dinheiro, mas por amor. O biscoito produzido na fazenda não era feito para vender, mas somente para hospitalidade. "Me lembro quando chegava os viajantes no sítio. A gente ficava olhando pela fresta da janela os cavaleiros que chegavam, numa curiosidade. E tinha aquele monte de vasilha na cozinha, cheias de biscoitos para receber [a visita]. E naquela época era assim: se um vizinho precisasse de hortaliças, era de graça, as pessoas doavam pra vizinhança. As coisas eram diferentes naquela época."

## FAZER BISCOITO SE APRENDE EM CASA

Em São Tiago, toda visita que entra em casa é logo chamada para a

FOTO: SAMANTHA SILVA / G1



Festa do Biscoito de São Tiago teve neste ano a sua 16ª edição

cozinha. Os anfitriões não se demoram a dizer: "Entra, vou passar um cafezinho com biscoito." E é assim que entramos no casarão de cerca de 200 anos da Fazenda da Serra. Dona Antônia Elena de Almeida puxa o bule e coloca a água pra ferver no avermelhado fogão a lenha. Em seguida, se desculpa pelo velho chão rústico da cozinha: "Tião não deixa reformar essa casa", reclama, se referindo ao marido, seu Sebastião Galdêncio de Almeida.

Pois se o velho casarão da fazenda já soma seus dois centenários, também é na cozinha dele que a família Almeida representa a história de uma cidade que começou servindo quitutes por quem passasse pelo arraial e hoje os vende para as "bandas" de Norte a Sul do país. A mãe de dona Antônia já sabia fazer biscoitos e a avó também. Faziam para dar e vender. Ela só aprendeu a fazer para servir em casa.

Assim como Dona Antônia, todas as mulheres de São Tiago aprenderam a fazer biscoito em casa, receita passada de mãe pra filha. Os maridos, se não produziam os ingredientes, trabalhavam nas propriedades rurais de onde os ingredientes saíam para dar continuidade à tradição. A fazenda é o retrato da vida dos moradores da antiga São Tiago.

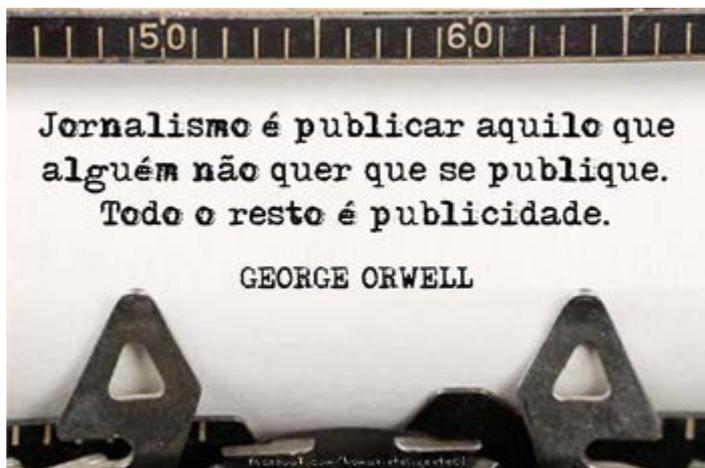
Dona Antônia vai colocando na mesa os biscoitos de farinha de milho já prontos com manteiga caseira e café de bule. Ao seu lado está seu "Tião, com quem é casada há 55 anos. Ela já tem 71 anos e ele "dois machados" (77 anos). Passaram a maior parte da vida na roça e ali criaram 13 filhos.

Casaram-se no dia de São Tiago, 25 de julho. O aniversário de casamento de 50 anos inspirou seu Tião a fazer um poema, mais um entre muitas das rimas que ele faz para contar tudo que acontece na vida: "Ó São Tiago, há 50 anos 'atrás', 25 de julho, não esqueço jamais. Minha mulher era bonita e eu muito mais. Ela gostava de mim e eu dela ainda mais. Agora ela está velha e eu velho demais. Muita coisa que nós fazíamos, hoje não faz mais. Pulava cerca e buraco, hoje não pula mais. Dançava muito forró e hoje não dança mais. A vida, ao invés de ir para frente, está voltando para trás."

E voltando 'para trás', dona Antônia se lembra da festa do seu casório. "No meu casamento só teve biscoito e café. Aqui em São Tiago era assim: todo casamento que tinha era só café com biscoito que era servido nas festas. Agora o povo já varia. Muita gente casa às 11h, então tem almoço na festa", revela. Mas mesmo que o tempo tenha passado, ela emenda dizendo que se o casório não for na hora do almoço, ainda é servido café com biscoito, e também nos velórios, nascimentos, aniversários. "Só duas filhas minhas fizeram o casamento na hora do almoço", completa.

Samantha Silva

<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2014/10/tradicao-de-150-anos-transforma-cidade-na-terra-do-biscoito-em-mg.html>



## 7 de Abril - Dia Nacional do Jornalista!

<https://redecormeia.com.br/2020/04/07/7-de-abril-dia-nacional-do-jornalista/>

O Dia do Jornalista é comemorado no Brasil no dia 7 de abril, em homenagem a João Batista Líbero Badaró, médico, maçom e jornalista, brasileiro de origem italiana, que morreu assassinado por inimigos políticos, em São Paulo, no dia 7 de abril de 1830, durante uma passeata de estudantes em comemoração aos ideais libertários da Revolução Francesa.

Profissional incansável, dinâmico, disposto, atento, inteligente, a serviço da notícia, da informação e dos fatos.

Profissão diariamente trabalhada com dedicação, determinação, vontade, compromisso em cumprir com o papel devidamente pautado na ética, no trabalho árduo e diário e principalmente, pautado na responsabilidade com a notícia e com tudo aquilo que divulgar.

O jornalista tem uma função social muito importante dentro da sociedade ou de uma comunidade, informa, promove a reflexão, a crítica e incita debates. Difundindo ideias, os fatos e informações com clareza, rapidez e precisão, a ponto de sintetizar em apenas uma frase tudo aquilo que quer falar.

Por vezes denunciando, auxiliando a comunidade e assim, colaborando para uma sociedade mais justa e democrática. E dessa forma não podemos desconsiderar o seu importante papel, pois sem dúvida alguma, possui uma admirável influência sobre todos nós, seja agindo direta ou indiretamente.

**JORNALISTA, POLÍTICO E MÉDICO ÍTALO-BRASILEIRO - Líbero Badaró**

Data desconhecida, 1798, Laignelia, Itália 21/11/1830, São Paulo (SP)

Giovanni Battista Líbero Badaró (ou Dr. João Batista Líbero Badaró), jornalista, político e médico, formou-se pelas universidades de Turim e Pávia, na Itália.

Chegou ao Brasil em 1826, aos 28 anos de idade. Estabelecendo-se em São Paulo, filiou-se à corrente liberal que pregava a autonomia para o Brasil e participou de lutas políticas ligadas à independência.

Em 1829 fundou o jornal periódico "Observador Constitucional" onde denunciava os desmandos e excessos cometidos pelos governantes. Já no primeiro dia de circulação, escreveu: "Não devia vegetar no Brasil a planta do despotismo".

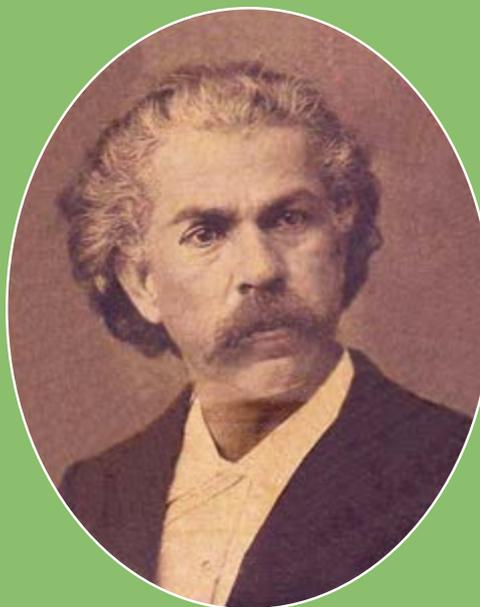
No dia 20 de novembro de 1830, Badaró sofreu um brutal atentado à bala. A primeira pessoa a socorrê-lo foi o estudante de direito Emiliano Fagundes Varela, pai do futuro poeta Fagundes Varela. Suas últimas palavras foram: "Morre um Liberal, mas não morre a Liberdade". No dia seguinte estava morto.

Um alto funcionário do Judiciário imperial chegou a ser processado como mandante do crime, mas foi absolvido, por falta de pro-

vas. Segundo historiadores, a ordem para matar Badaró pode ter partido do próprio imperador dom Pedro 1º.

A contribuição de Líbero Badaró para a defesa da liberdade de expressão vai além da tragédia pessoal. É seu um dos primeiros escritos publicados no Brasil em defesa da liberdade de imprensa, refutando sempre a tese de que os abusos praticados pela imprensa justificariam o cerceamento da liberdade.

Com sua morte, aumentaram o descontentamento e as manifestações de protesto contra o absolutismo de D. Pedro 1º, que abdicou em 7 de abril de 1831.



*Antônio Carlos Gomes (Campinas, 11 de julho de 1836 — Belém, 16 de setembro de 1896) foi o mais importante compositor de ópera brasileiro.*

## Dia 02 de Maio de 1861 - Estreia da Peça O Guarani - A primeira ópera do maestro'. Carlos Gomes.

Dia 02 de Maio de 1861 - Estreia da Peça O Guarani - A primeira ópera do Ir.'. Carlos Gomes, cantada em português e com libreto de Antonio José Fernandes dos Reis, baseada num poema homônimo de Antonio Feliciano de Castilho, teve estreia no Teatro Lírico Fluminense a 4 de setembro de 1861. Foi cantada pelos artistas líricos da Academia de Música e Ópera Nacional, com a seguinte distribuição de papéis: Leonor (soprano Luisa Amat, esposa de D. José Amat), Henrique (Marchetti, tenor), Conde Orlando (Emílio Ribas, famoso barítono português), Fernando (Luis Marina, Tenor), Ignez (Guillemet, meio-soprano), Raimundo (H. Trindeade, barítono) e o Pagem (Soares, baixo).

Antônio Carlos Gomes (Campinas, 11 de julho de 1836 — Belém, 16 de setembro de 1896) foi o mais importante compositor de ópera brasileiro. Destacou-se pelo estilo romântico, com o qual obteve carreira de destaque na Europa. [1] Foi o primeiro compositor brasileiro a ter suas obras apresentadas no renomado Teatro alla Scala, em Milão, na Itália. [2][3] É o autor da ópera O Guarani e patrono da cadeira de número 15 da Academia Brasileira de Música.

Teve o nome inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, em 26 de dezembro de 2017.

Fonte: site Rede Colmeia



## BIOGRAFIA DE CACILDA BECKER – Centenário de nascimento

Cacilda Becker (1921-1969) foi atriz brasileira. Considerada uma das personalidades mais importantes da classe teatral brasileira e líder da categoria na primeira fase do Regime Militar de 1964.

Cacilda Becker Yáconis nasce em Pirassununga, São Paulo, no dia 6 de abril de 1921. Filha de Edmondo Yáconis e Alzira Becker, imigrantes italianos, quando tinha seis anos de idade, seus pais se separaram e Cacilda e suas irmãs foram criadas apenas pela mãe, na cidade de Santos.

Mesmo com os poucos recursos financeiro da família, Cacilda estudou ballet e concluiu o curso de professora primária. Trabalhou como escriturária em uma firma de seguros.

### CARREIRA DE ATRIZ

Em 1940, Cacilda mudou-se para o Rio de Janeiro com o objetivo de iniciar a carreira de atriz e ingressou no Teatro do Estudante do Brasil. Atuou na peça "Hamlet", dirigida por Paschoal Carlos Magno.

Em 1943, Cacilda Becker voltou para São Paulo, onde trabalhou no rádio teatro. Fez parte do Grupo Universitário de Teatro (GUT) fundado por Décio de Almeida Prado.

Nesse período, atuou nas peças "Auto da Barca do Inferno" (1943), de Gil Vicente, "Irmãos das Almas", de Martins Pena, e "Pequeno Serviço em Casa de Casal", de Mário Neme.

De volta ao Rio de Janeiro trabalhou com o grupo "Os Comediantes", que promoveu uma revolução no teatro brasileiro. Atuou na peça de Nelson Rodrigues "Vestido de Noiva" (1946), dirigida por Zienbisky.

Em 1948, Cacilda passou a lecionar interpretação na Escola de Arte Dramática de São Paulo e entrou no Teatro Brasileiro de Comédias (TBC), onde foi contratada para atuar na peça "Mulher do Próximo", de Abílio Pereira de Almeida.

Em pouco tempo, Cacilda se tornou a primeira atriz da com-

panhia. Atuou em quase todas as montagens dessa época, entre elas: "Dama das Camélias" (1951), de Alexandre Dumas, "Antígone" (1952), de Sófocles e "Gata em Teto de Zinco Quente" (1956) de Tennessee Williams.

### TEATRO CACILDA BECKER

Em 1957, Cacilda fundou sua própria companhia, o "Grupo de Teatro Cacilda Becker" (TCB), ao lado dos atores Walmor Chagas, seu marido, de Ziembinski e de sua irmã Cleyde Yáconis.

A primeira montagem do grupo foi "Longa Jornada Noite Adentro" (1958) de Eugene O'Neill.

Em 1960, o TBC se fixou em São Paulo. Em 1962, ao lado do ator Sérgio Cardoso, Cacilda conquistou o público com a peça "A Terceira Pessoa do Singular", de Andrew Rosenthal.

Em 1965 o grupo fez muito sucesso com a peça "Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?" de Edward Albee. Em 1969 atuou na peça "Maria Stuart", ao lado de Walmor Chagas:

No cinema, Cacilda atuou em "A Luz dos Meus Olhos", em 1947, "Caicara" (1950) e "Floradas na Serra", em 1954.

Em 1968, Cacilda Becker presidiu a Comissão Estadual de Teatro, em São Paulo.

### MORTE

Em 6 de maio de 1969, durante a apresentação de "Esperando Godot", de Samuel Beckett, onde contracenava com seu ex-marido Walmor Chagas, sofreu um derrame cerebral.

Cacilda foi levada para o hospital onde permaneceu em coma, durante 38 dias.

Cacilda Becker faleceu em São Paulo, no dia 14 de junho de 1969.

Fonte: Internet

## USO DA TECNOLOGIA DAQUI PARA A FRENTE!

*A tecnologia estará em todos os lugares, com recursos ainda mais promissores para que a população possa se beneficiar, e vai determinar o futuro de todos os setores de agora em diante. Está preparado para tudo isso?*

Quase um terço dos CIOs e CTOs apontam a inteligência artificial e o machine learning como principais tendências de 2021.

Todos nós sabemos que a pandemia foi o centro das atenções em 2020 em todo o mundo, mas também evidenciou a importância da tecnologia em nossas vidas. Este ano não será diferente! As empresas estarão ainda mais preocupadas em reconhecer o valor da inovação tecnológica e em investir em recursos que possibilitem a automação e aperfeiçoem todos os processos.

Tudo isso já vinha acontecendo, no entanto se tornou imprescindível em um ano que superou todas as previsões e acelerou a transformação digital. Hoje, é impossível dizer que alguém não precisou de alguma ferramenta tecnológica para resolver qualquer problema ou até mesmo se comunicar com alguém.

Segundo os entrevistados da pesquisa global do IEEE – Instituto de Engenheiros Eletricistas e Eletrônicos, realizada com 350 executivos do Brasil, China, Estados Unidos, Índia e Reino Unido, 20% acreditam que a videoconferência foi a tecnologia mais importante em 2020. Esta é uma tendência que se tornou forte no último ano e não cairá em desuso.

O coronavírus também acelerou a adoção da computação em nuvem (55%) e do 5G (52%), as tecnologias IA e machine learning (51%), além da utilização de IoT (42%) e realidade aumentada e virtual (35%).

### 2021: O QUE VEREMOS DAQUI PARA A FRENTE?

Além disso, quase um terço (32%) dos Chief Information Officers (CIOs) e Chief Technology Officers (CTOs) apontaram a IA e o machine learning como as principais tendências de 2021, seguidas pelo 5G (20%) e IoT (14%).

É claro que esses assuntos não são novos. A inteligência artificial e o machine learning, por exemplo, se tornaram parte do nosso dia a dia de várias maneiras, inclusive nas figuras de assistentes virtuais, como Google Assistente, Siri e Alexa. Mas serão cada vez mais usados pelas empresas para modernizar as ações de negócios e aperfeiçoar experiências dos clientes. Essas são duas ferramentas indispensáveis no mercado.

Nesse contexto, a pesquisa da IEEE aponta que 86% das pessoas trabalhariam lado a lado com um robô, sendo 38% a favor deles para a exploração científica e 16% para o uso em cuidados hospitalares.

E por falar na área da saúde, é unânime que o uso da tecnologia deve existir para salvar vidas. Na pandemia, a internet das coisas, onde o mundo físico e o digital se tornam um só por meio de dispositivos que se comunicam com os outros objetos, teve papel fundamental, já que foi usada para ajudar com os cuidados de ido-

so e pessoas que sofriam de alguma doença crônica durante o distanciamento social.

A IoT ajudou a minimizar o contato desnecessário em situações onde o risco de contaminação viral é particularmente alto. Acredita-se que novos equipamentos inteligentes, sensores e dispositivos conectados vão continuar surgindo em 2021, mudando a maneira como os cuidados com a saúde são prestados.

Por isso, a tecnologia 5G é fundamental. É claro que ela veio com a promessa de deslanchar há um ano, mas a adaptação foi lenta no Brasil. É esperado que ela esteja bem mais disponível neste ano e ajude a melhorar o desempenho e a confiabilidade dos dispositivos conectados. De acordo com o estudo, 40% das empresas afirmam que a adoção do 5G acelerou devido à pandemia e, para 26%, será uma das principais tecnologias em 2021.

### E COMO FICARÃO AS ÁREAS MAIS IMPACTADAS?

Se para alguns tecnologia é luxo, é preciso entender que ela vem para quebrar esse abismo de desigualdade, com a possibilidade de chegar a todos. No caso da educação, ela se mostra necessária e indiscutível. Por conta da pandemia e com o adiamento das aulas presenciais, vimos milhares de crianças e jovens fora das escolas e sem estudar. Tudo isso se deve à falta de preparo das escolas e de educadores para lidarem com plataformas online e o ensino a distância.

Mas a lição foi aprendida. Nos próximos meses, poderemos ver no plano de aula um modelo híbrido, onde ambiente online e offline vão se encontrar. Nenhum substitui o outro. Pelo contrário, são essenciais. O estudo mostra que para 24% dos entrevistados, a educação será uma das áreas mais impactadas pela tecnologia.

Mas não é só ela. Para 34%, os serviços financeiros também terão grande impacto, já que usarão soluções para ajudar o país a se recuperar dos efeitos colaterais deixados pela covid-19. Muitas soluções vão surgir para auxiliar PMEs a se reerguerem dessa crise, além de traçar métodos e estratégias para inserir os jovens, novamente, no mercado de trabalho.

Independentemente de serem apenas tendências, essas tecnologias se tornarão ainda mais importantes no decorrer do ano para fazer com que o mundo volte ao eixo, ou pelo menos trazer soluções para os problemas causados por essa pandemia. Não há outro caminho. A tecnologia estará em todos os lugares, com recursos ainda mais promissores para que a população possa se beneficiar. Na verdade, ela vai determinar o futuro de todos os setores de agora em diante. Está preparado para tudo isso?

**Alessandra Montini**

# “A Balsa”- esta incrível parábola budista mostra-nos como desperdiçamos a nossa vida



## Por Revista Pazes

“Suponha,” ele disse, “que um homem esteja diante de um grande rio, e que ele precisa atravessar a outra margem, mas não há barco para levá-lo, o que ele faria?” Ele cortaria algumas árvores, amarraria e construiria uma jangada.

“Então ele se sentaria na jangada, usaria as suas mãos ou se ajudaria com uma vara, se empurraria para atravessar o rio”. Quando ele chegasse ao outro lado, o que ele faria?

“Ele deixaria a jangada porque ele já não precisa mais disso”.

“O que ele não faria seria: pensando em quão útil a jangada tinha sido, jogá-la-ia em suas costas e continuar a viagem carregando-a.”

“Da mesma forma, meus ensinamentos são apenas um meio para um fim, são uma jangada que o transportará para o outro lado, não um meio em si, mas um meio para alcançar a iluminação”.

Esta foi a parábola que Gautama Buddha contou a seus seguidores para explicar-lhes a importância de praticar o desapego e não se apegar a coisas, seja experiências ou relacionamentos. No entanto, quantas vezes nos apegamos à jangada e arrastamos isso conosco ao longo do caminho, mesmo que seja completamente inútil?

Era uma vez uma pessoa com uma jangada nas costas

Algumas pessoas sobem na jangada e não seguem. Na verdade, às vezes, elas até esqueceram que estavam tentando atravessar o rio, elas perderam a perspectiva antes de começar a caminhada. Elas acham melhor fazer a balsa mais confortável. Então elas constroem paredes sobre ela e um telhado; Instalam móveis e utensílios de cozinha; E, em seguida, convida seus amigos e familiares a conhecê-la. Ou seja, eles transformam a jangada em uma casa e amarram firmemente à Costa. Elas não querem ouvir nada sobre soltar as amarras ou âncoras.

Outras pessoas olham para a jangada parada na Costa e dizem: “Que balsa agradável, é grande e sólida”. Tiram a fita métrica e medem. Eles sabem exatamente quais são suas dimensões, o tipo de madeira com que foram construídas, e até onde e quando foram cortadas. Alguns dão um passo adiante e produzem uma folha descritiva que serve para vender balsas no atacado. No entanto, para muitas jangadas que vendem, nunca subiram numa e nem sequer

pensaram em atravessar o rio. “É muito arriscado”, pensam eles.

Há também outras pessoas que ficam na Costa e dizem: “A jangada não está bem construída”. Devia tê-la construída com mais troncos e amarrado mais firmemente. Eu não gosto de como ela flutua na água. Vou construir uma balsa que seja maior e mais segura. No entanto, elas permanecem na Costa fazendo considerações, discutindo e brigando, sem construir a jangada e ir a qualquer lugar.

Algumas pessoas creem que a jangada é muito simples, rústica e pouco atraente. Elas a olham e balançam suas cabeças. “Parece um monte de troncos mal amarrados”. Então elas decidem embelezá-la e passam a pintar, decorar e cobri-la com flores, mas elas nunca conseguem subir na balsa, nem pensam em atravessar para a outra margem.

“A Costa onde estamos, explicou Buda, é o presente, a existência que está ligada ao ego, a outra margem é o que nós aspiramos a ser, representa nossos objetivos e sonhos. A balsa nos ajuda a atravessar as águas. É sua função, porém, depois, devemos deixá-la para trás”.

“Claro, a balsa não se refere apenas aos bens materiais, é tudo aquilo que nos ata e nos impede de alcançar o nosso potencial”. Portanto, pode ser as relações interpessoais que perderam suas razões de ser, ou mesmo certos traços de personalidade ou crenças que nos mantêm ligados.

Esta parábola budista alerta-nos para a nossa tendência de se apegar a coisas e situações, desperdiçando nossas vidas criticando, tentando proteger o que conseguimos ou simplesmente alimentando muito o medo de descobrir o que está na outra margem.

Ela também nos alerta para o fato de que, em alguns estágios da vida, o que poderia ter sido útil já não faz mais parte da mudança e do crescimento. Se permanecermos vinculados a essas formas de fazer e relacionar, não seremos capazes de avançar. Portanto, uma das lições mais importantes e difíceis a aprender é que o laços que antes o mantiveram então vinculado, não te servem mais e é chegada a hora de se livrar deles.

## Costumes da nossa terra



# COROAÇÕES DE MAIO

Toda criança do interior tem bem viva no seu imaginário o período das Coroações de maio. Maio, este mês tão especial, comemora-se datas marcantes como o dia das mães, das noivas e de Nossa Senhora. Mês das coroações nas igrejas e capelas. Comigo também não poderia ser diferente... Tenho viva em minha memória esta época, mais ou menos pelas décadas de 1950 a 1960, em nossa São Tiago.

As crianças do grupo escolar, no catecismo passavam por uma triagem pelas catequistas e começavam os ensaios diários para a coroação. Quatro elementos eram destaque: a portaria da palma, do véu, o coração e duas ofertavam a coroa. Depois vieram as modificações: oferta do rosário, do buquê, etc. O altar era preparado com esmero, a coisa mais linda do mundo... Esta lá em cima coroadando no meio daquelas luzes e tocar a imagem era sentir o céu, perto de Deus e de Maria, nossa mãe. Monsenhor Eloi mandava colocar escadas enormes ao lado do altar para melhor segurança e acomodação das crianças.

Com total entusiasmo, as crianças muito bem ensaiadas, seguiam em procissão perfilada igreja adentro com suas vestes alvas, compridas, vestidas de anjos ornadas na cabeça com lindos solidéus, coroas de flores miúdas e véus transparentes. Completando nossos trajes, lindas cestinhas decoradas com fitas, babados cheios de pétalas de rosas. Cantar no microfone da igreja era momento de pura emoção e graça. A comoção tomava conta das famílias, dos fiéis...

O entusiasmo do Monsenhor Eloi era contagiante. Anunciava que teria coroação após a missa, pedia a permanência dos fiéis na igreja e no microfone em alto e bom tom elogiava e pedia aplausos, interagindo o tempo todo. No final, éramos agraciados com os famosos cartuchos de amendoins trazidos pelo Valdemar Sacristão, num bauzinho azul de lata, ofertado pela paróquia. Nossas famílias também contribuíam com “mimos”, lembrancinhas e guloseimas.

Tivemos também coroações no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”. As janelas do educandário transformavam-se em altar com grandes escadas e os outros participantes do ofertam rosas e jogavam pétalas após a coroação de Nossa Senhora. Já no mês de junho também tinha as coroações do Sagrado Coração.

Lembro-me de meninos coroadando, inclusive uma com Paulo César e Carlito. Era interessante ver aqueles meninos no dia-a-dia tão espontâneo e naquela seriedade coroadando com vestes diferentes e “boquinhos de anjo de biscuit” soltando suas vozes... Grande época, imensas saudades, religiosidade despontando de maneira mágica nas crianças de São Tiago. Esta é uma de nossas relíquias.

*Maria Elena Caputo de Castro  
Professora/Psicóloga*

## APELIDOS EM SÃO TIAGO

**M** Machado, Machadinho, Macarrão, Mudo, Marreta, Mugango, Moranga, Melado, Mansueto, Mamate, Moela, Mandioca, Mosquito, Mosquitinho, Mingau, Macuco, Marimbondo, Martelo, Mazinho, Maurinho, Maradona, Maranhão, Mulambo, Moto-cicleta, Mantiqueira, Maria sem Doce, Mulinha, Miúda, Miúdo, Miguilinho, Marcinho, Madona.

*Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago – Tiago Béco*

## RASTEIRA DE MESTRE

Em Resende Costa são muitas as histórias, reais ou não, em que meu padrinho entra como personagem principal.

Isso, aliás, sucede com outras pessoas da família Mala, e Sousa Maia, cévido à calma e astúcia em que são mestres consumados.

Brandura na fala e nas maneiras; suavidade no trato: desamor a qualquer discussão; habilidade no contornar situações difíceis; tratamento cavalheiresco aos hóspedes depois de os ter dentro de casa; parcimônia no emprêgo do *não*, e moderação no afirmar, para que não haja compromisso; asseio perfeito na sua morada, e linha no traje, como nos seus objetos de uso; capacidade de ironizar qualquer fato ou situação; incapacidade absoluta de uma explosão, seja de cólera, seja de alegria ou de entusiasmo.

Não há Sousa Maia legítimo sem ter e cultivar essas características.

*Notável, importante* e chique eram termos que, em escala ascendente, usava meu padrinho para classificar bem as cousas e o animais. E tudo dito com aquela ênfase que lhe era peculiar.

Ao que me parece, meu padrinho, de fato, não levava muito em conta a produção do leite, pois dava preferência ao gado zebu,

## MEMÓRIAS

235

com predileção pela cõr báia, de que tinha sempre algumas centenas.

Presumo que havia grande sintonia entre o garbo peculiar àquele tipo de gado, e a ênfase com que seu dono procurava em tudo supervalorizar o que era seu.

Criava também suínos em grande escala, e era o maior fornecedor de uma firma chefinda em São João del-Rei por um sírio que fez fortuna transferindo carne e gordura dos porcos para as criaturas humanas.

Como acontecia com freqüência, um belo dia aparece o sírio na Fazenda do Pinheiro.

Antes de irem para a mesa opípara, sem que hóspede e hospedeiro soubessem que existia no vocabulário êsse majestoso epíteto, que tenho como indispensável aqui, êles já tinham percorrido as cevas, deixando escolhidos os cevados mais gordos para a transação do dia.

E o negócio se fez durante o jantar, à maneira dos políctantes mais em voga.

O cálculo do pêso, faziam-no como ainda fazem nas fazendas do interior mineiro, por processos empíricos, que, aliás, oferecem bastante segurança de cálculo, com a vantagem de ao interessado inescrupuloso não ser possível alterar o bom funcionamento da balança.

Fechou-se o negócio. Tanto por arrôba.

À noite, depois de recolhido o sírio aos aposentos, gozando uma cama como não via igual em parte nenhuma, veio o camarada tratador dos porcos: "*Só Pedro, o turco, depois da janta, foi lá na ceva e cortou o rabo dos capado mais gordo, deixando os rabo comprido só nos magro e pequeno. Vai lá pra vacê vê!*"

— E como é que você deixou o turco fazer isso, Chico? Por que não me chamou?

— Uai! Patrão, eu não vi inhá-não! Quando acabou a janta, êle deixou o companheiro engambelando vacê lá no alpendre, fingiu que ia no mato pra pagá o Bernardo, e aí foi lá e fez as estrepolia dêle. Quando passei lá perto, êle tava escondendo os tóco de rabo dos capado!... *Só vacê veno! Tem uma porção de capado ludo ensangüentado e roncano que fais pena!*...

— Está bem, Chico! Amanhã, antes do sol sair, você me espere lá na ceva. Vamos dar uma lição nesse descarado!

## 236

## ANTONIO DE LARA RESENDE

Na manhã seguinte, já se tinha o sírio empanturrado à mesa, cheia de biscoitos, queijo, leite gordo, café com leite e bolos gostosos, quando o anfitrião entrou com o jôgo:

— Seu Fulano, na Capela Nova, Beltrano está com uma capadaria que é uma beleza. E eu sei que êle anda curto de dinheiro. Se você quer fazer mais um bom negócio, vá lá hoje mesmo, antes que por lá passe outro comprador, que deve andar aí por perto, como eu já soube.

*Mas, Só Pedro, como é que nós faz? Nós tem de levá hoje os capado que senhor vendeu pra nós. Caminhão vem hoje de São João pra levá tudo!*

— Isso não tem importância. Você deixa comigo uma ordem pra entregar os porcos ao seu empregado, e pode ir fazer sua pechincha na Capela Nova.

O homem não teve dúvida. Deixou por escrito a ordem pedida, e partiu.

Chegados os caminhões, Só Pedro mostrou a ordem, fez carregar os veículos, e mandou que um camarada de confiança os acompanhasse até São João, com ordem de lá pesar tôda a capadaria, receber os cobres, e voltar imediatamente.

Como sabia estar lidando com gente que "não era dêste mundo" em matéria de negócio, botou um camarada à espera do sírio, para levá-lo até a Fazenda quando voltasse de Capela Nova. E mandou preparar um bom jantar.

À tarde, lá chega o sírio acompanhado do camarada, e meio desapontado:

— Ora, Só Pedro, a noiteia que deram pro senhor é mentirosa. Amigo de Só Pedro não tinha porco pra vendê. Mas proveite e comprei uns capadinho lá, pra ir buscá na semana que vem.

— Uai! Fulano! Então me enganaram. Eu até mandei esperar você pra saber se tinha feito bom negócio. Mas foi bom, porque você hoje janta aqui e deixa pra ir amanhã cedo. Já mandei fazer o jantar.

E o sírio caiu direitinho. Jantou e pernitoitou confortavelmente, enquanto o camarada que havia ido a São João tinha tempo de voltar com os cobres no bolso...

Na manhã seguinte, partia o sírio para São João, quando já o produto da venda da capadaria estava bem guardadinho.

Ao chegar de volta à sua indústria, o homem ficou espantado com a quantia paga ao camarada de Só Pedro. Vai verifi-

## MEMÓRIAS

237

car e descobre: tinha pago tôda a capadaria, incluindo o restólho que êle recusara. É que o Chico, ajudado pelo patrão, havia cortado a cauda de todos os porcos da ceva do Pinheiro...

No bilhete deixado para o chofer, o patrão ordenava que levasse para são João todos os cevados *que tivessem o rabo cortado*. O sírio assinara de cruz o bilhete escrito pelo Seu Pedro.

Longe estava êle de imaginar a reação do homem astuto a quem pensava poder embulhar com aquêle expediente.

E meu padrinho a comentar na intimidade: "o coió do turco pensava que ia me passar a perna, mas levou uma lição de mestre. Comigo êle não brinca mais!..."